

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**RINCÃO DA CHIRCA - DESENVOLVIMENTO E
ETNOGÊNESE QUILOMBOLA DE UMA COMUNIDADE
DO PAMPA BRASILEIRO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

André de Oliveira

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

RINCÃO DA CHIRCA - DESENVOLVIMENTO E ETNOGÊNESE QUILOMBOLA DE UMA COMUNIDADE DO PAMPA BRASILEIRO

por

André de Oliveira

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Extensão Rural.

Orientador: Prof. Marco Antônio Verardi Fialho

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado

**RINCÃO DA CHIRCA - DESENVOLVIMENTO E ETNOGÊNESE
QUILOMBOLA DE UMA COMUNIDADE DO PAMPA BRASILEIRO**

elaborada por

André de Oliveira

como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Extensão Rural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Marco Antônio Verardi Fialho, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Cláudio Marques Ribeiro, Dr. (UNIPAMPA)

Marcos Botton Piccin, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 31 de Agosto de 2015

À Rotinha...

... Pelo amor e dedicação todos os dias, em todos os momentos.
Contigo ontem, hoje e amanhã...

...Dedico essa conquista com amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que como pai carinhoso me guia e me protege por onde quer que eu ande e me ajudou a superar as dificuldades durante a escrita desse trabalho.

À minha esposa Ritinha por todo o amor e carinho sempre presente em nosso lar, em especial durante o período que eu estava escrevendo este trabalho me deu todo o suporte, sendo uma verdadeira companheira. Também agradeço pela imensa compreensão que teve nos momentos que abdiquei de estar ao teu lado para estar escrevendo, obrigado por estar sempre me animando e incentivando à cada página escrita, tenho convicção que se não fosse pela tua ajuda não teria conseguido concluir esse trabalho, essa conquista também é tua, muito obrigado por ser essa esposa dedicada.

Aos grandes amigos Alberto Pinheiro, Liliane Barros, Cristiano Keller e Douglas Dalla Nora que me mostraram que a verdadeira amizade não se abala mesmo com a distância.

Aos irmãos Fabiano Mori e Maristela Ávila pela amizade e companheirismo durante minha estadia em Santa Maria. Vocês me ajudaram a me fortalecer como cristão.

Ao meu orientador Marco Antônio Verardi Fialho pela orientação, apoio e amizade, obrigado por ter apostado em mim.

Aos componentes da banca, professores Marcos Piccin e Cláudio Ribeiro por terem aceitado meu convite e pelo empenho em contribuir com suas considerações para a qualificação deste trabalho.

À Mariglei Dias pela atenção e confiança, parte dessa conquista dependeu de teus esforços, muito obrigado.

Aos moradores do Rincão da Chirca pela hospitalidade, atenção e carinho.

Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural pelo convívio e amizade, o meu muito obrigado.

À Luciano Rozalino pela parceria durante o trabalho à campo.

À minha mãe Sarah Ilustre de Souza Oliveira [*in memorian*] por ter sacrificado os seus sonhos para que os meus fossem realizados e pela educação cristã que me deu desde muito pequeno.

Ao meu pai Dorival de Oliveira pela educação e construção de minha integridade moral.

Aos meus irmãos pelo carinho e preocupação.

À Dadá pelo carinho e amor de uma avó.

Aos sogros Josué e Enilda pelo apoio e compreensão durante minha ausência e pela hospitalidade à cada visita.

Aos irmãos de minha comum congregação em São Luiz Gonzaga pela compreensão durante minha ausência na finalização desse trabalho.

À Valquíria Conti pela amizade e auxílio .

À CAPES, pela bolsa concedida, imprescindível à minha permanência no mestrado.

E a todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, meu muito obrigado.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

RINCÃO DA CHIRCA - DESENVOLVIMENTO E ETNOGÊNESE QUILOMBOLA DE UMA COMUNIDADE DO PAMPA BRASILEIRO

AUTOR: ANDRÉ DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: MARCO ANTÔNIO VERARDI FIALHO

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 31 de agosto de 2015

O presente trabalho tem por objetivo compreender como se deu o processo de reconhecimento e como isso possibilitou à comunidade em estudo a organização e autonomia para ter acesso a políticas públicas específicas. O objeto do estudo foi a comunidade quilombola Rincão da Chirca, que está inserida na Área de Preservação Ambiental do Ibirapuitã em Rosário do Sul. O Rincão já vem sendo objeto de estudo ao longo dos últimos anos, onde foram realizadas visitas exploratórias e aplicação de questionários semi-estruturados com o objetivo de caracterizar a dinâmica atual da população local e subsidiar análises e interpretações sobre o modo de vida e de reprodução social e econômica das famílias. Recentemente a comunidade Rincão da Chirca alcançou o reconhecimento como uma comunidade legítima de descendentes de escravos, dessa forma foram legitimados como uma comunidade quilombola. Essa nova conjuntura trouxe inúmeras mudanças, como o acesso à novas políticas públicas que em sua essência buscam desenvolver ações que possibilitem e garantam o manejo cultural dos territórios tradicionais contribuindo para a preservação dos saberes e tradições culturais, possibilitando um protagonismo da comunidade. Sendo assim, supõem-se que as políticas públicas podem contribuir para o processo de construção de novas representações sociais, ao mesmo tempo criando novas significações e valores individuais que culminam no resgate da identidade negra dos moradores do Rincão da Chirca. A metodologia do trabalho foi fundamentada por meio da observação e análise do discurso. Observou-se com este trabalho que a busca da comunidade pelo reconhecimento contribuiu com o reforço dos laços de solidariedade e reciprocidade entre os indivíduos do rincão, bem como contribuiu para a construção de uma valorização na comunidade.

Palavras-chave: Pecuária familiar; valorização; identidade.

ABSTRACT

Dissertation of Master Degree
Post Graduation Program in Rural Extension
Federal University of Santa Maria

RINCÃO DA CHIRCA - DEVELOPMENT AND ETHNOGENESIS OF A QUILOMBOLA COMMUNITY FROM BRAZILIAN PAMPA

AUTHOR: ANDRÉ DE OLIVEIRA

ADVISER: MARCO ANTÔNIO VERARDI FIALHO

Date and Place of Defense: Santa Maria, 31th August, 2015.

This study aims to understand how was the process of recognition and how it has enabled the community to study the organization and autonomy to access specific public policies. The study object was the quilombo community of Chirca, which is inserted in the Conservation Area Ibirapuitã in Rosario do Sul. The community has already been the subject of study over the past years, which were held exploratory visits and application of semi-structured questionnaires in order to characterize the current dynamics of the local population and to support analyzes and interpretations about the way of life and reproduction social and economic families. Recently the community of Chirca achieved recognition as a legitimate community of descendants of slaves thus been legitimized as a quilombo. This new situation brought numerous changes, such as access to new public policies that in essence seek to develop actions that enable and ensure the cultural management of traditional territories contributing to the preservation of knowledge and cultural traditions, enabling a community role. Thus, it is assumed that public policy can contribute to the process of building new social representations at the same time creating new meanings and values individual culminating in the rescue of black identity of the residents in community of Chirca. The methodology of work was supported by observation and discourse analysis. There was this work that the pursuit of community for recognition contributed to the strengthening of solidarity and reciprocal ties between individuals of the corner and helped build an appreciation in the community.

Keywords: family livestock; appreciation; identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Localização da APA do Ibirapuitã	52
FIGURA 2. Delimitação da Região do Pampa	54
FIGURA 3 - Platôs na Serra do Caverá/Rosário do Sul-RS	65
FIGURA 4 - Sr. Cândido, filho dos pioneiros Crescêncio e Júlia	67
FIGURA 5 - Ruínas da estância onde nasceu Crescêncio	69
FIGURA 6 - Cerca de Pedra incorporada à paisagem	71
FIGURA 7 - Cultivo para autoconsumo, ao fundo a casa	72
FIGURA 8 - Moradia no Rincão das Chirca	72
FIGURA 9 - Estrada principal de acesso à uma moradia	73
FIGURA 10 - Gado de corredor nas estradas da Serra do Caverá	76
FIGURA 11 - Casa de pedra de um morador do Rincão da Chirca	78
FIGURA 12 - Horta familiar de uma moradora do Rincão da Chirca	78
FIGURA 13 - Rincão da Chirca em 2012	80
FIGURA 14 - Frente do Rincão da Chirca em 2015	83
FIGURA 15 - Ao alto detalhe da caixa d'água na casa de um morador do Rincão ..	86
FIGURA 16 - Produto de agroindustrialização da produção local	87
FIGURA 17 - Galinheiro de aves poedeiras recém construído	88
FIGURA 18 - Teares para o beneficiamento de lã	89
FIGURA 19 - Poncho produzido pelo projeto "Fios do Pampa"	89
FIGURA 20 - Mutirão para o feitiço de doces caseiros	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição da população por sexo	55
Gráfico 2 - Faixa etária da população	54
Gráfico 3 - Principal ocupação da população	57
Gráfico 4 - Profissão declarada do casal	57
Gráfico 5 - Escolaridade da população	58
Gráfico 6 - Média da escolaridade por família	59
Gráfico 7 - Efetivo Animal/família	60
Gráfico 8 - Distribuição do Efetivo Animal/família	61
Gráfico 9 - Variedades Olerícolas	61
Gráfico 10 - Variedades no pomar	62

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Mapas de biomas do estado do Rio Grande do Sul	103
ANEXO B - Certidão da definição do território quilombola	104
ANEXO C - Certidão de auto-definição como uma comunidade remanescente de quilombos	105
ANEXO D - Roteiro de entrevista realizada à campo	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 O processo de escravidão e seus signos	19
1.2 Quilombos e desenvolvimento: O processo civilizatório	25
1.3 A deterioração de uma identidade subjugada	29
1.4 Signos e símbolos sob a égide das representações sociais	34
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	40
2.1 Procedimentos metodológicos	42
2.1.1 Revisão de literatura	42
2.1.2 Análise do discurso	43
2.1.3 Observação	45
2.1.4 Questionário aberto	47
2.2 O estudo de caso como estratégia de pesquisa.....	49
3. CONHECENDO O RINCÃO DA CHIRCA	51
4. ETNOGÊNESE QUILOMBOLA	64
4.1 Do suor cativo nasce um rincão	64
4.2 O processo civilizatório: Nuances de desenvolvimento	73
5. VALORIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO:	79
5.1 "A gente agora tá livre!" - O reconhecimento, seus desdobramentos e o que ainda está por vir	84
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXOS.....	102

INTRODUÇÃO

O processo de escravidão no Brasil trouxe consigo inúmeras consequências ao povo negro, que sofreu com o desenraizamento da cultura e desconstrução de sua identidade. Na compreensão das relações sociais, há uma intensa relação de poder assimétrico, onde sempre haverá um grupo que monopoliza as oportunidades e outro que fica às margens do acesso à estas oportunidades. Devido à histórica hegemonia branca, o sujeito negro está sob a égide de construção de uma representação social carregada de desvalorização, fruto do processo de escravidão que frequentemente leva o grupo de indivíduos à um processo de marginalização no que diz respeito aos acessos oferecidos ao restante da sociedade. Sob uma condição de desvalorização, o sujeito deixa de pensar em si mesmo como negro, logo, ele desiste de assumir sua própria identidade.

As iniciativas do grupo em buscar o reconhecimento como uma comunidade remanescente de quilombo já é um dos indícios da construção de um processo de revalorização, essa nova condição lhes dá condições de reforçar seus laços de reciprocidade e buscar novos paradigmas de desenvolvimento como a autonomia organizativa em prol de alcançar políticas públicas específicas às comunidades quilombolas, o que pode contribuir para a retomada e fortalecimento da identidade, a partir do momento em que o grupo constrói representações sociais em comum.

O objeto da pesquisa é uma comunidade denominada Rincão da Chirca, sua escolha deve-se ao fato da comunidade ter passado recentemente pelo processo de reconhecimento como remanescentes de quilombos, bem como pelo seu dinamismo social e econômico distinto, ajustado à conjuntura formada pelos indivíduos que compõem o grupo. A comunidade está localizada em Rosário do Sul, na Serra do Caverá, e inserida na Área de Preservação Ambiental do Ibirapuitã (APA) que faz parte do Bioma Pampa. A região do Pampa é formada por um cenário de diferentes grupos de atores sociais, dividindo-se em função do tamanho de suas áreas e do tipo de uso do espaço. Os grandes estabelecimentos rurais são caracterizados por duas principais tipologias de produtores: os pecuaristas que são representados pelas estâncias de criação de gado de forma extensiva, e os agricultores, grandes

produtores de arroz, que também nos últimos anos vêm desenvolvendo a produção de soja. As médias propriedades são caracterizadas por alguns produtores de soja e arroz, porém a maioria são criadores de bovinos e ovinos com propriedades de até 300 ha, podendo ser considerados pecuaristas familiares¹.

O Rincão da Chirca pertence geograficamente ao município de Rosário do Sul, que está localizado na Região da Fronteira Sudoeste do estado, seu relevo é suavemente ondulado, com predominância de gramíneas nativas. Possui uma população de 39.707 habitantes (87,97% urbano e 12,03% rural), a economia do município é caracterizada pela agricultura e pecuária.

No âmbito das pesquisas de campo, a dinâmica da região da APA do Ibirapuitã é objeto de estudo deste autor desde 2009. No caso específico do Rincão da Chirca, foram realizadas, ao longo dos últimos anos, visitas exploratórias e aplicação de questionários semi-estruturados com o objetivo de caracterizar a dinâmica atual da população local e subsidiar análises e interpretações sobre o modo de vida e de reprodução social e econômica das famílias.

Já com a compreensão da inserção do estudo, se faz necessária a reflexão a cerca do processo de desenvolvimento do Rincão, o qual sob o conceito eliasiano (ELIAS, 2000) de civilização, que está representada pela consciência que o ocidente tem de si mesmo como superior às sociedades mais antigas, o Brasil, por ter passado por um processo de colonização européia, historicamente provocou o desenraizamento da cultura africana, bem como reforçou a condição de desvalorização, rotulando como atrasado em parte do que se refere ao modo de vida dos negros. Ao longo dos últimos séculos, as relações de poder entre os brancos e os negros resultaram em um processo de desconstrução de identidade do negro, suas representações sociais coletivas foram moldadas conforme a hegemonia do grupo estabelecido, as emoções do grupo subjugado foram controladas pelo processo civilizador.

Segundo Elias (1980), a construção da identidade ocorre por meio da interdependência entre os indivíduos, e esta só se dará a partir do momento em que o indivíduo assume seu pertencimento e envolvimento com o meio social no qual está inserido, nesse ínterim os moradores do Rincão da Chirca recentemente passaram por um processo de reconhecimento de sua comunidade como

¹ Conforme Decreto Estadual nº 48.316 de 31 de agosto de 2011, que regulamenta o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar - PECFAM.

remanescentes de quilombolas, com isso, atribuiu-se o título de Quilombo. Essa nova conjuntura trouxe novas percepções dos moradores para consigo mesmo e pelo modo como são reconhecidos, dessa forma, essa nova condição lhes garante a possibilidade de resgate da identidade étnica e política não somente individual, mas também coletiva, pois agora reforçam seus elos de pertencimento, como a cultura, origem e história em comum.

Com o reconhecimento do Rincão da Chirca como uma comunidade quilombola, houve o acesso a políticas públicas específicas, bem como a organização do grupo fundamentado pelos laços de solidariedade e reciprocidade entre os indivíduos. Nesse contexto, o Rincão da Chirca pode ser compreendido como um grupo de indivíduos que compartilham laços de dependências recíprocas, caracterizando assim uma configuração. Partimos da compreensão de que através do reconhecimento do rincão como um quilombo, essa configuração avançou na direção da autonomia e auto-afirmação, essa mudança na conjuntura social da comunidade trouxe consigo aspectos importantes para o desenvolvimento dessa configuração, o que sugere a seguinte indagação: Quais foram as mudanças advindas do processo de reconhecimento quilombola e como isso influenciou no processo civilizador dessa configuração de indivíduos?

O processo de reconhecimento de uma comunidade como "remanescentes das comunidades dos quilombos" é fundamentada juridicamente pelo Artigo 68 da Constituição Federal de 1988: "Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos". O momento em que atualmente nos encontramos gera perguntas em torno do conceito de quilombo, o que tem suscitado estudos com viés antropológico com o objetivo de produzir um conhecimento a fim de compreender o que tange o enquadramento em um grupo na categoria de "remanescentes das comunidades dos quilombos". O senso comum, no que diz respeito a territorialidade negra, cunha-se no fundamento de que uma comunidade de descendentes de quilombos venha a ser uma alegoria de um povo intocado que mantém fielmente os costumes de seus antepassados africanos, todavia se faz necessária a compreensão muito além do que se vê, a fim de oferecer à comunidade uma forma de reaver todo o histórico de desvalorização sobre si, garantindo a terra que lhes é por direito.

Recentemente a comunidade Rincão da Chirca alcançou o reconhecimento como uma comunidade legítima de descendentes de escravos, dessa forma foram legitimados como uma comunidade quilombola. Essa nova conjuntura trouxe inúmeras mudanças, como o acesso à novas políticas públicas, que em sua essência buscam desenvolver ações que possibilitem e garantam o manejo cultural dos territórios tradicionais, contribuindo para a preservação dos saberes e tradições culturais e possibilitando um protagonismo da comunidade. Sendo assim, supõem-se que as políticas públicas podem contribuir para o processo de construção de novas representações sociais, ao mesmo tempo criando novas significações e valores individuais que culminam no resgate da identidade negra dos moradores do Rincão da Chirca.

Nessa perspectiva, adotou-se como objetivo geral deste estudo compreender como se deu o processo de reconhecimento e como isso lhes possibilitou organização e autonomia para ter acesso a políticas públicas específicas. Já como objetivos específicos, propõem-se:

- Compreender o processo de formação do Rincão da Chirca.
- Entender o processo civilizatório de desenvolvimento do Rincão.
- Interpretar a maneira pela qual a comunidade percebe a si mesma em suas relações internas e externas à comunidade.
- Compreender como o processo de reconhecimento como uma comunidade remanescente de quilombos contribuiu para o resgate da identidade negra e no fortalecimento dos laços de solidariedade e reciprocidade entre os indivíduos do grupo.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de compreender os processos advindos pelo reconhecimento e como estes podem contribuir para a construção de novas representações que culminariam no resgate da identidade deteriorada dos negros, bem como cooperar para um programa de desenvolvimento local nas comunidades quilombolas. Nesse viés, compreende-se que o processo de escravidão negra no Brasil foi responsável pela manipulação e fragmentação da identidade étnica negra, causando um abalo nas antigas representações que proporcionavam aos indivíduos uma certa estabilidade no mundo social e psicológico. Atualmente, a comunidade é reconhecida como um quilombo, a partir desse momento novas representações sociais são ancoradas e os indivíduos

superam o desconhecido, o que lhes possibilita a construção e legitimação da identidade social do grupo.

Cabe ainda nesta seção apresentar a estrutura do trabalho. Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. Nesta seção encontra-se a introdução, em que se busca contextualizar o leitor a cerca da temática em estudo, inicialmente apresentando a comunidade Rincão da Chirca e a problemática da pesquisa, a justificativa e os objetivos que norteiam essa pesquisa.

No primeiro capítulo está apresentada a fundamentação teórica do trabalho. Em que por meio de autores há um esforço de contribuir com a leitura, autores que colaborem com a compreensão da problemática da pesquisa. Um dos principais autores é Norbert Elias, que fundamenta o escopo teórico a fim de compreender o processo civilizatório de desenvolvimento do Rincão da Chirca. Goffman (1988) traz subsídios teóricos sobre a discussão de identidade e estigmatização. Também há o esforço em compreender as relações de reciprocidade e solidariedade dos indivíduos do Rincão.

O capítulo dois é o arcabouço de como se deu cada etapa do trabalho. Os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos com o objetivo de conduzir a investigação para responder à problemática da pesquisa. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, fundamentada principalmente na análise do discurso, questionário aberto e observação.

A compreensão de como se deu a formação do Rincão da Chirca é objeto de esforço no terceiro capítulo. Por meio de relatos orais, escritos, fotos, e investigação histórica, compreende-se o processo de formação da comunidade até os dias atuais, para posteriormente, subsidiado com o arcabouço teórico, seja possível compreender o processo civilizatório de desenvolvimento do grupo social em estudo.

O capítulo quatro é uma seção que denota a busca por compreender a identidade social do grupo. A Identidade social é construída a partir das representações que um indivíduo faz de si mesmo ao fazer parte de um determinado grupo, a construção da identidade se dá não apenas pelas representações que o indivíduo faz dele mesmo no grupo em que está inserido, mas também às representações sociais que ele possui dos grupos opostos, há um esforço pra compreender o processo de construção de identidades dos indivíduos do Rincão, seus signos, estigmas e representações sociais.

Ainda nessa seção há um esforço em compreender o processo de reconhecimento como uma comunidade remanescente de quilombo. Quais foram os percalços e êxitos e como isso contribuiu para o resgate da identidade do grupo, bem como nas relações de reciprocidade e solidariedade entre os indivíduos.

Por fim, nas considerações finais, buscou-se trazer à luz elucidações a cerca da compreensão da construção da identidade e valorização da comunidade, situando essas relações no processo civilizatório de desenvolvimento, bem como a construção de cenários e perspectivas de pesquisas futuras no nicho de estudo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A primeira parte deste trabalho compreende a revisão de literatura, onde é abordado aspectos relacionados ao processo de escravidão e suas marcas. Na segunda parte, serão abordados os aspectos metodológicos, análise e discussão dos dados coletados à campo.

1.1 O processo de escravidão e seus signos

Os africanos foram trazidos para o Brasil, como escravos, entre os anos de 1525 e 1851. Nessa travessia muitos morreram ainda em alto mar e outros tantos não saíram com vida do solo africano devido à violência com que eram capturados. Esses escravos eram trazidos de diferentes partes do continente africano, eram diversos povos com suas variadas línguas e costumes. O país estava se desenvolvendo e, para tal, precisava de mão-de-obra, essa era essencialmente escravocrata. Com essa finalidade foram sendo importados números cada vez maiores de negros africanos. Devido às disputas inter-tribais os próprios africanos caçavam e vendiam homens das tribos rivais, para assim obterem lucro e vingança.

O Brasil iniciou a importação de escravos africanos no século XVI, trazendo para o país uma quantidade modesta de escravos, porém, com a demanda de trabalho, esse número foi aumentando e na primeira metade do século XIX o país era líder no negócio de compra de escravos.

Entre 1791 e 1835, nada menos que 1.479.970 escravos chegaram aos portos brasileiros, um pouco mais de 54% deles tendo como destino a região Centro-Sul, por meio de desembarques na cidade do Rio de Janeiro. (ALADRÉN, 2012)

Inicialmente os escravos eram mandados para trabalhar nos grandes engenhos de açúcar na Bahia e em Pernambuco, mais tarde foram enviados para Minas Gerais durante o chamado Ciclo do Ouro. Com o desenvolvimento das

atividades agrícolas no país, eles passaram a trabalhar nas lavouras dos mais variados tipos de produções.

Ao longo da história agrícola colonial, o crescimento das atividades agrícolas correspondeu sempre a um maior afluxo de escravos. Foram a mão-de-obra dos campos de fumo e cacau da Bahia e Sergipe, além da cana-de-açúcar; no Rio de Janeiro foram destinados aos plantios de cana e mais tarde de café; em Pernambuco, Alagoas e Paraíba eram indispensáveis aos cultivos de cana e algodão; no Maranhão e Pará trabalharam no algodão; em São Paulo, na cana e café. Em Minas, além da mineração, trabalharam, mais tarde, nas plantações de café, também cultivado no Espírito Santo. Também estavam presentes na agricultura do Rio Grande do Sul e na mineração de Goiás e Mato Grosso. (PRANDI, 2000)

A política oficial da Coroa buscava separar escravos da mesma etnia, mesma origem, com receio de que ao agrupá-los eles pudessem se unir e promover um motim. Escravos de etnias diferentes não conseguiam se comunicar devido ao idioma. Em solo brasileiro eles estavam submetidos à língua, a cultura e aos costumes do Brasil, herdados da tradição portuguesa. Após alguns anos foi inviabilizado o tráfico negreiro das terras africanas, passou a haver no Brasil então um comércio interno de escravos, pois as plantações de café demandavam mão-de-obra escrava.

Na impossibilidade da importação africana, então totalmente inviabilizada pelas pressões diplomáticas e vigilância naval da Inglaterra, estabeleceu-se durante os trinta anos que levam à Abolição, em 1888, um muito rendoso mercado interno de escravos, vendidos pelas províncias cuja economia declinava e comprados pelos novos ricos plantadores de café do Centro-Sul. (PRANDI, 2000)

Todas as províncias do norte, do nordeste e do sul acabaram se desfazendo dos seus escravos. A seca no norte e nordeste trouxe tamanha miséria para essas regiões que os senhores tinham de vender seus escravos para alimentar suas famílias. Essa mudança de localização dos negros africanos dentro do mapa brasileiro trouxe transformações para a cultura brasileira de cada lugar.

Esse rearranjo geográfico implicou, evidentemente, num novo emaranhado de origens, identidades e culturas, contribuindo para a formação de um amálgama cultural de caráter, digamos, nacional, em que o negro vai ficando cada vez mais distante da África e mais perto do Brasil. (PRANDI, 2000)

Algo interessante de ser evidenciado é a visão que os senhores "brancos" tinham dos negros africanos. Eles não os concebiam como pessoas, mas sim como coisas, algo que os pertencia, era uma visão "coisificada". As situações vivenciadas pelo negro durante o período de escravidão afetou diretamente suas atitudes e maneira de ver a vida. O escravo acabava se vendo sobre a mesma ótica que o via seu opressor.

A teoria da chamada "coisificação do escravo", bastante difundida na produção historiográfica, passou a defender a idéia de que as condições extremamente duras da vida na escravidão teriam destituído os escravos da possibilidade de pensar o mundo a partir de categorias e significados sociais próprios, comprometendo, inclusive, a capacidade de forjarem os laços básicos dos seres humanos – os laços familiares. Nesse sentido, por exemplo, reproduziam as representações e valores senhoriais sobre os procedimentos de alforria: introjetavam valores e visões de mundo de seus senhores, o que implicava em sua despersonalização, comprometendo suas organizações sociais, suas vontades, assim como a constituição de famílias. Além do que, conformava-se à idéia de que o melhor caminho para a liberdade era a obediência e a submissão. (PROENÇA, 2007)

Outros tantos escravos resistiam bravamente ao seu domínio, lutavam por sua liberdade e fugiam de seus senhores formando "quilombos". Esses escravos formavam um grupo de resistência violenta, na tentativa de não se deixarem dominar pelo regime escravocrata.

Essa ênfase na rebeldia negra fixou, pois, a idéia de que as práticas de resistência por parte dos negros eram a única maneira de demonstrar reação às lógicas senhoriais e o modo para se afirmarem como pessoas humanas, sujeitos de sua própria história. (PROENÇA, 2007)

Os escravos chegaram às terras rio-grandenses junto com os primeiros povoadores desse estado. Logo, eles eram a base de seu desenvolvimento econômico. Ao contrário das demais regiões brasileiras, os negros no Rio Grande do Sul recebiam um tratamento mais benevolente e amigável, principalmente nas estâncias. Eles trabalhavam no plantio e cultivo de alimentos como trigo, feijão e mandioca, bem como nas atividades com o couro, na lida com o gado e na produção de charque e farinha.

Ao recorrermos à documentos históricos referentes à formação do Rio Grande do Sul e do povo rio-grandense perceberemos que não há muita ou quase nenhuma referência aos escravos negros. Sobre isso Maestri (1993) diz que:

A ausência do escravo na historiografia gaúcha deve-se, por um lado, à preocupação quase exclusiva com a história política das classes senhoriais; por outro, a uma leitura ideológica do nosso passado. A própria existência de um escravismo gaúcho, por si só, já seria uma contradição com o mito da sociedade democrática sulina, construída no contexto da fazenda, em torno da “roda do chimarrão”. A historiografia tradicional não poderia deixar de referir-se ao escravo sem levar em consideração o “senhor- de-escravo” e este, simplesmente, não “existiria” no quadro idílico delineado por ela. (MAESTRI, 1993).

A escravidão no sul do Brasil, apesar de se dar de uma forma um pouco diferente do restante do país, não deixava de ser um prolongamento do escravismo colonial. Porém, no Brasil meridional o negro africano não era a base da economia.

O negro participa da vida produtiva, mas ela não está, como em outras capitâneas, assentada centralmente sobre ele. O trabalhador assalariado, o agregado, o colono, o indígena aculturado encontram-se em destaque e são o eixo fundamental da tropeada, da fazenda. Até mesmo na plantação é significativa a mão-de-obra livre (MAESTRI, 1993).

Como pode ser observado na citação acima, o sul contava com outras formas de mão-de-obra para o trabalho. Saviani Filho (2008) nos dá uma explicação para isso:

Os produtos plantados no Sul, cevada, milho, batatas, feijão trigo, etc., definitivamente, não se adaptavam à grande plantação escravista. A baixa rentabilidade permitia aos agricultores mais felizes comprar, com muita economia, um ou mais escravos, mas era só. Não teremos a possibilidade de uma acumulação que permita a compra significativa de mão-de-obra negra e a constituição de dezenas de escravos. Na verdade, o trabalho escravo não chega nem mesmo a expulsar o trabalho livre da agricultura. (SAVIANE, 2008)

O escravismo no Rio Grande do Sul apresentou algumas diferenças em relação ao processo clássico de escravidão das áreas de *Plantations - plantações de café e cana-de-açúcar* - nos demais estados do Brasil. Segundo CARDOSO (1977), o risco de fuga gerado pela presença da fronteira e seu dinâmico processo de definição territorial pelas constantes guerras impossibilitou o Rio Grande do Sul de desenvolver um "estilo senhoril" no trato com os escravos, diferenciando a sociedade escravocrata gaúcha das sociedades caracterizadas pelos *plantations*,

que possuíam um forte aparelho repreensivo realizado pelos feitores e seus açoites. Esse fenômeno também é descrito pelo viajante Saint-Hilaire (1974), que destaca a diferenciada relação dos escravos e cativos nas charqueadas e estâncias pastoris do Rio Grande do Sul: "Afirmo que nesta Capitania os negros são tratados com bondade [...], mais que em outros pontos do País. Referia-me aos escravos das estâncias, que são em pequeno número; nas charqueadas a coisa muda de figura [...].

A escravidão foi marcante na construção histórica da cultura e da economia da sociedade gaúcha desde o século XVII, com a colonização portuguesa no estado. Segundo Osório (2000), em meados de 1750 e 1830, o Rio Grande do Sul possuía uma quantidade de escravos campeiros que atendia satisfatoriamente a demanda de mão-de-obra das grandes estâncias extensivas de criação de gado e, segundo o mesmo autor, mais da metade dessas estâncias empregavam os escravos em atividades também agrícolas.

Os escravos que desempenhavam atividades agrícolas trabalhavam nas lavouras e em pequenos cultivos de subsistência nos arredores da Casa Grande, onde também desempenhavam trabalhos domésticos, como peões campeiros desempenharam funções notórias no desenvolvimento da pecuária extensiva, na produção de charque e couro, Zarth (2002) distingue o trabalho dos escravos nas estâncias em três atividades principais: os escravos domésticos, o escravo roceiro - aquele dedicado prioritariamente à agricultura - e o escravo campeiro, dedicado à todos os trabalhos relacionados à lida com o gado.

Em 1780, surgem as primeiras charqueadas no litoral sul do estado, de início apresentaram um período de prosperidade, o que resultou em inúmeros estabelecimentos em Pelotas e nos arredores. O trabalho nas charqueadas era duro e exaustivo, principalmente na época própria para abate, César (1970) refere-se à rotina das charqueadas e ao êxito do escravo em atender a maçante demanda de trabalho " De sol a sol e noite adentro, só mesmo o negro, com a sua extraordinária resistência física, podia atender satisfatoriamente aos pesados encargos da nova indústria." Por um largo período as charqueadas foram a economia principal do Rio Grande do Sul, parte da atual riqueza gaúcha assenta-se em todo um ciclo econômico permitido pela indústria do charque. Durante mais de 100 anos esta atividade apoiou-se sobre as costas e o suor anônimo do trabalhador negro escravizado. (MAESTRI, 1993).

Com o advento das charqueadas, porém, passou a se desenvolver um regime de trabalho escravo mais consolidado, firmando-se assim no Rio Grande do Sul a produção escravista. No trabalho nas charqueadas o escravo era a mão de obra fundamental. Com a seca assolando o norte e nordeste brasileiro, em especial o Ceará, principal fornecedor de carne seca para o mercado colonial e internacional, o sul do país passa a ter destaque nessa produção, tornando-se o novo provedor de carne salgada para a colônia. As charqueadas ganham assim um espaço ainda maior na província do sul.

Os escravos trabalhavam não somente nas atividades ligadas às charqueadas, mas também em atividades menos penosas, consideradas até privilegiadas. Sobretudo em estâncias com grandes extensões de terra, os negros ocupavam-se como peões campeiros, responsáveis pela lida com o gado, marcação, rodeio e abate e extração do couro dos animais.

O escravo trazido da África desconhecia o trabalho com o gado extensivo, realizado em cima do lombo dos cavalos, logo, esses escravos eram pouco empregados no ofício campeiro, geralmente foram os cativos que desempenharam essa tarefa. Maestri (1993) chama de cativo o negro campeiro, aquele de maior confiança e que tinha uma relação até mesmo de compadrio com seu dono e, assim como os demais, não vivia sob "um regime de terror maciço e permanente", pois o peão campeiro possuía cavalo e as armas da lida campeira à sua disposição, e muitas vezes as estâncias próximas da fronteira lhe ofereciam um cenário com as condições propícias para a fuga.

A cultura africana marcou presença na construção da cultura gaúcha, como cita ainda Braun (2000) na *Payada ao Irmão Negro; [...] teu próprio vocabulário, são partes do dicionário do linguajar deste chão [...]*, no campo da linguística encontramos inúmeras expressões e palavras no vocabulário regionalista gaúcho que tem sua origem africana, entre essas pode-se citar as palavras matungo, monjolo, cachimbo, cacimba, entre outras; também a gastronomia tem uma forte e notável contribuição negra, até porque quem cozinhava nas estâncias e nos galpões dos peões eram as escravas domésticas, que introduziram seus pratos e temperos que cultivavam em pequenos cercados nos arredores da Casa Grande, pode-se citar como alguns pratos de origem africana o mugunzá, o angu, o pirão, a feijoada, o mocotó e o quibebe.

Em suma, observa-se por meio dessa breve revisão acerca da escravidão que o negro desempenhou papel fundamental no desenvolvimento socioeconômico do Brasil, todavia foi desvalorizado e colocado às margens das oportunidades oferecidas pelas classes dominantes. Todo esse período de opressão contribuiu para que se mantivesse arraigado na cultura brasileira o desenvolvimento de imagens e signos sociais depreciativos com relação ao negro, de tal forma que cooperaram inclusive na construção das representações sociais no cognitivo individual de cada sujeito desvalorizado.

1.2 Desenvolvimento do Rincão: O processo civilizatório

No tocante à esta seção, nos debruçaremos sobre as escritas de Norbert Elias, a fim de compreender o processo de desenvolvimento do Rincão da Chirca. Norbert Elias nasceu em Breslau, na Alemanha, em 1897 e faleceu em 1990 em Amsterdã, Holanda. Elias desenvolveu uma abordagem de compreensão dos fenômenos sociais que chamou de "sociologia figuracional". O Processo Civilizador (1939) foi seu trabalho mais conhecido, nele Elias contrapõe o processo de formação do Estado Moderno em função da moral e costumes dos indivíduos.

Com relação ao comportamento social, Elias (1994) esboça acerca das normas e costumes que as distintas sociedades estabeleceram ao longo da história, com o propósito de orientar a relação entre as pessoas e os grupos dos quais elas fazem parte. Segundo o autor, o sentimento de vergonha foi uma das estratégias que a sociedade criou (por mais que pareça algo inato) com o objetivo de controlar indivíduos, ou seja, caso não haja o seguimento de um determinado hábito pré-definido há a repugnância para com o indivíduo desviante. Nesse sentido, à exemplo de uma sociedade formado por maioria de indivíduos educados, os hábitos indesejados são suprimidos por coesão àqueles menos polidos.

Não obstante, medidos pelo padrão de controle dos impulsos na própria sociedade burguesa, o ocultamento e a segregação da sexualidade na vida social, tanto quanto na consciência, foram relativamente sem importância nessa fase. Aqui, também, o julgamento de fases posteriores é com frequência induzido em erro porque os padrões, da pessoa que julga e da aristocracia de corte, são considerados como absolutos e não como opostos

inseparáveis, e também porque o padrão próprio é utilizado como medida de todos os demais (ELIAS, 1994, p. 178).

Para avançarmos no paradigma da complexa relação de convívio social que pauta os indivíduos, faz-se necessária a compreensão da sociologia dos costumes. Todo processo de tornar-se civilizado só é possível por meio da auto-regulação dos comportamentos individuais momentâneos (Elias, 1994), isto é, condicionar sentimentos, sublimando-os e reconfigurando-os de tal forma que haja uma transmutação de determinados sentimentos a fim de preservar um modelo de civilização, a fim de que indivíduos possam conviver consigo mesmos e com seus pares.

Nesse sentido, todo processo universal de civilização perpassa por um estágio individual de auto-coação que surge por meio das influências das coações exteriores. Elias (1994) também demonstra que um processo de civilização pode ser um sentido a ser orientado pelo equilíbrio de coações externas, autocoações e controle de pulsões.

[...] dentre os principais critérios para um processo de civilização estão as transformações do habitus social dos seres humanos na direção de um modelo de autocontrole mais bem proporcionado, universal e estável. Sem jamais se libertarem completamente das coações exteriores, as autocoações ganham maior autonomia no curso do processo humano de civilização, em contraposição às coações exteriores. (Elias, 1994).

A direção do processo pode ser inverso, logo, a isso o autor denomina "descivilização", no momento que as transformações ocorrem de uma maneira oposta, Elias cita como exemplo as sociedades em que lutas de gladiadores ou execuções públicas possam trazer sentimentos de alegria ou segurança aos indivíduos.

Todo o processo de civilização que ocorre em uma sociedade parte de um microcosmo, um grupo de pessoas, a estes Elias chama de "Figuração" como um grupo de indivíduos que partilham modos de vida e em que ocorre a transmissão de conhecimento de uma geração a outra, em que partilham símbolos socialmente aprendidos. Nesse ínterim, compreende-se que é imerso em uma determinada configuração que um indivíduo se apropria e reelabora um patrimônio simbólico apreendido, ele constrói ao passo que se constrói. As figurações são inatas aos indivíduos, pois são seres sociais:

Seres humanos singulares convivem uns com os outros em figurações determinadas. Os seres humanos singulares se transformam. As figurações que eles formam uns com os outros também se transformam, mas as transformações dos seres humanos singulares, e as transformações das figurações que eles formam uns com os outros, apesar de inseparáveis e entrelaçadas entre si, são transformadas em planos diferentes e de tipo diferente. (ELIAS, 1994).

Sobre as figuração de indivíduos e suas relações, Elias (2000) afirma que as diferenças de poder entre os indivíduos fazem com que aumente as tensões e conflitos. Uma figuração de indivíduos está em constante processo de civilização, no tocante, Elias estabelece o conceito de "Processos Sociais" que refere-se às transformações amplas, contínuas e de longa duração. Para alcançar um determinado estágio de civilização uma figuração de indivíduos perpassa por vários processos sociais. Pelo fato do processo de civilização ser algo dinâmico, naturalmente os processos sociais também o são, vale ressaltar que esses geralmente são frutos da ação planejada humana, se os seres humanos parassem de planejar e de agir, então não haveria mais nenhum processo social.

A autonomia relativa dos processos sociais baseia-se, em outras palavras, no contínuo entrelaçamento de sensações, pensamentos e ações de diversos seres humanos singulares e de grupos, humanos, assim como no curso da natureza não-humana. Dessa interdependência contínua resultam permanentemente transformação de longa duração na convivência social, que nenhum ser humano planejou e que de certo também ninguém antes previu. (ELIAS, 1994).

A continuidade temporal dos processos sociais em uma figuração de indivíduos é mensurada pela transmissão de conhecimentos, em específicos sociais, que são adquiridos individualmente pelos indivíduos mediante apreensão de símbolos sociais e seus respectivos signos, a citar o caso dos símbolos lingüísticos.

A continuidade intergeracional das unidades de subsistências humanas como um todo, por conseguinte tanto seus aspectos econômicos como de alto-regulação, exige uma transmissão de conhecimentos com o auxílio de símbolos lingüísticos. (ELIAS, 1994).

Por se tratar de algo dinâmico, o movimento de uma configuração - há grande discussão nos grupos de sociólogos adeptos da sociologia de Norbert Elias a respeito do uso do termo configuração ou figuração. Essa questão não advém de problemas de tradução do alemão para o inglês; o próprio autor, cuja obra foi escrita em sua maior parte em inglês, utilizou ambos os termos. (Landini, 2001). Tende a um desenvolvimento, todavia, diferente de um desenvolvimento econômico que é linear, o desenvolvimento social não necessariamente tem que ser para melhor, é um equívoco compreender o desenvolvimento como uma orientação em direção do progresso, de modo que se configure uma melhora de vida comum aos indivíduos.

O conceito de desenvolvimento vem sendo moldado ao longo do tempo, em meados do século XX têm-se concebido o desenvolvimento como um processo para aumentar o rendimento econômico de uma configuração de indivíduos, sendo uma atividade essencialmente desempenhada por pessoas, sobretudo por parte daqueles que detêm cargos governamentais.

Mas quando o desenvolvimento especificamente econômico é assim impulsionado, tendo como objetivo a melhora do nível de vida, torna-se evidente que é impossível desenvolver o potencial econômico sem que haja uma transformação total da sociedade. (ELIAS, 2000).

Ainda no tocante ao conceito de desenvolvimento, retomemos às condições que promulgam um grupo em processo civilizador. Uma figuração irá alcançar uma evolução a longo prazo desde que possua o controle dos acontecimentos naturais, das relações interpessoais e por fim do controle de si próprio, todavia essas mudanças são de caráter individual, conforme explica Elias (2000).

É perfeitamente possível que, devido às próprias ações, haja grupos conscientemente orientados para a conservação e a manutenção da configuração presente, mas que de fato fortalecem a sua tendência para a mudança. É igualmente possível que grupos orientados conscientemente para uma mudança fortaleçam a tendência da sua configuração para se manter tal qual como está. (ELIAS, 2000)

Para que haja uma "transformação total na sociedade" como refere-se Elias, faz-se necessária uma mudança que seja ordenadamente regulada numa configuração de pessoas interdependentes, a fim de orientar todo o processo para uma mesma direção. Nesse sentido, associamos as reflexões de Elias ao objeto deste trabalho, ao passo que a comunidade remanescente de quilombos do Rincão

da Chirca, forma uma configuração de indivíduos, que constantemente constroem e reconstroem símbolos e seus respectivos signos, num processo social capaz de formar representações coletivas capazes de formar uma identidade que oriente à uma mudança, ou seja, um desenvolvimento social.

1.3 A deterioração de uma identidade subjugada

Um ideal de raça é construído a partir do momento que há a definição de um padrão de valor e beleza, e isso nos foi imposto particularmente pela cultura européia. Essa imposição cultural começou em meados do século XVI quando os europeus chegaram à América e consolidaram o tráfico de escravos, com isso a escravidão junto com o colonialismo e o capitalismo se encarregaram de acentuar a imagem do homem branco como superior aos demais.

A construção da identidade de um indivíduo surge pela apropriação de elementos comuns, dos quais ele se identifica, a partir da história, cultura, relações e inclusive pelas representações construídas em cada cognitivo individual.

(...) a identidade da pessoa negra, traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberto e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. (FERREIRA, 2000, p.41)

Conforme explica Ferreira (2000), a identidade negra traz consigo um estigma, que foi capaz de se alongar por anos e afetar as representação sociais atualmente. Ainda com relação à identidade, vale destacar que ela advém de uma construção dialógica entre o indivíduo e a sociedade, em que há uma interação e o indivíduo constrói representação ao mesmo tempo em que se constrói como objeto.

“A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação.” (2000, p.97).

No tocante à identidade negra, compreende-se que ela foi perdida a partir do tráfico de escravos, a partir do momento que o negro era escravizado, ele perdia seu nome e sua condição de ser humano, tornando-se um objeto que tinha dono. Perdia sua identidade pois deixava-se de se reconhecer como indivíduo, já não possuía mais nenhum direito. Para o senhor dos escravos não havia dever, só direitos, de tal forma que até quando tratava o escravo com menos rigor, já era considerado um ato de bondade. Nesse ínterim se estabelece uma relação social de poder, pois o escravo consciente de sua inferioridade com relação ao branco, passou a negar sua verdadeira identidade, construiu-se um constrangimento sob sua identidade, o que o fez negar sua raça.

A negação de uma identidade perpassa por um período de relativização da identidade do outro. Estamos imersos em um universo europocêntrico, onde a cultura européia sempre foi vista como o centro, uma cultura superior e legítima, fixando o status de cultura atrasada às etnias latinas e africanas, conforme descreve Sodré (2001).

[...] as elites brasileiras sempre fantasiaram em torno da Europa como espaço simbólico superior e adequado, tentando reprimir a divisão do “corpo” nacional próprio ou mesmo a simbolização do “outro” nacional, que advém do radical pluralismo étnico cultural, característico aliás de todos os países americanos (SODRÉ, 2000.p. 81)

Todavia a retomada da identidade negra é um processo dinâmico, é algo que percorre o contexto social e cultural, pois é a partir desses que haverá a objetivação e ancoragem inerentes às construções das representações sociais, como argumenta Sansone:

[...] A identidade negra, como todas as etnicidades, é relacional contingente. Branco e negro existem, em larga medida, em relação um aos outros; as “diferenças” entre negros e brancos variam conforme o contexto e precisam ser definidas em relação a sistemas nacionais específicos e a hierarquias globais de poder, que foram legitimados em termos raciais e que legitimam os termos raciais (SANSONE, 2003, p. 24).

Elias (2000), ao dissertar sobre os processos sociais, compreende que todas as relações envolvem uma relação de poder, em que a partir de dois grupos sempre haverá um que monopoliza as oportunidades, destacando as diferenças. No livro "Estabelecidos e Outsiders" (Elias, 2000) o autor deixa claro isso ao apresentar um grupo que, colocando-se no centro de poder, estigmatiza o outro, com a estratégia

de criar rótulos e disseminá-los, a fim de se manter em uma situação superior, e o grupo estigmatizado, ao aceitar essa condição, constrói para si as representações sociais que reforçam o estigma de inferior.

A educação também colabora para reforço ou atenuação de estigmas sobre um determinado grupo:

(...) Falar de identidade é falar sobre cada um de nós... no ideal de pessoa, numa preocupação especulativa na busca constante que vivemos para ser pessoa, numa sociedade absolutamente contraditória como a nossa, que nega a existência do negro e que diz que para o negro existir tem que ser branco, já que o negro no Brasil é educado para entender desde muito cedo, que para ser homem, ele deve ser branco. Na verdade, para se afirmar como pessoa, o negro precisa se negar, mas como tem que ser ele mesmo, entra em contradição total (THEODORO, 1987)

Os negros há séculos no Brasil vêm sofrendo com esse estigma de inferioridade, o que resultou na incorporação do status de inferiores, ao ponto das pessoas desse grupo se julgarem pomenorizadas em relação à uma sociedade pautada pelos preceitos europeus. A forte opressão dos brancos, resultante da relação de poder, implica no enfraquecimento das relações de reciprocidade entre o grupos de minorias étnicas. A partir do momento em que o indivíduo compreende e assume o seu pertencimento à comunidade, assume-se o papel, podendo a partir daí trazer contribuições para o coletivo.

O principal significado emocional de pertinência a um grupo étnico é um princípio organizador e mobilizador de interesse de grupos específicos, com isto podendo possuir uma conotação positiva. Grupos étnicos são grupos cujos membros possuem uma identidade distinta e atribuída e, ao mesmo tempo, têm, basicamente, cultura, origem e história comuns (JOAQUIM, 2001, p. 52).

A auto-afirmação como pertencente à um grupo historicamente excluído traz consigo inúmeros estigmas, segundo Goffman (1988) o estigma é depreciativo, por vezes desvalorizando o status moral de quem o detém, sendo mais aplicado à própria desgraça que a uma evidência em seu corpo, dessa forma, o negro, portador de um estigma, encontra-se na sociedade em uma condição de exclusão, marginalizado, devido às suas condições físicas e psicológicas, a sociedade o despreza. Esse efeito de descrédito associado ao estigma pode provocar nos indivíduos a deterioração da identidade, o negro nem mesmo está em condição de sair desse grupo estigmatizado, pois sua identidade está atrelada imutável a este

estigma, carregando sempre a marca de pertencer ao grupo, do qual a sociedade subjuga como inferior.

Goffman (1988) avança na compreensão do conceito de estigma, o autor faz referência ao uso da palavra pelos gregos, quando referiam-se aos signos corporais sobre os quais era exibido algo mal ou pouco habitual no status moral de quem o tinha. Podia simbolizar o pertencimento a um grupo de presos ou criminosos, ou seja, era uma advertência para se evitar os contatos sociais daqueles considerados livres da marca, nesse sentido o estigma comprometia relações sociais e comerciais entre os indivíduos que a possuíam. O autor define estigma como:

“a situação de um indivíduo que é desqualificado para uma aceitação social plena, uma pessoa que tem uma fraqueza ou deficiência sendo visto pela sociedade como algo contagioso... reduzindo a uma pessoa estragada e diminuída... sendo, algumas vezes, ele próprio considerado. (GOFFMAN, 1988)

Comumente a sociedade estabelece categorias onde enquadra pessoas conforme seus atributos “natos” a essas categorias, ou seja, é a sociedade quem determina o padrão externo que categoriza um indivíduo, é criado para o indivíduo um modelo social, que por vezes nos é imperceptível conscientemente porém em nosso cognitivo o rotulamos ao momento que cognitivamente já o associamos à imagens sociais pré-estabelecidas, que podem não corresponder à realidade. (Goffman, 1988).

Na compreensão de Goffman, o sujeito que recebe um estigma carrega consigo uma gama de descrédito, a sociedade o veta de determinadas oportunidades, não o atribui valor, pelo contrário, cria sobre o estigmatizado uma imagem deteriorada capaz de anular a individualidade do sujeito a fim de determinar um modelo de opressão sobre o estigmatizado, deixando-o à margem das oportunidades, dessa forma, o indivíduo para não ter que assumir uma condição subjugada busca incessantemente pelo esforço em dar uma resposta contrária à sociedade, com a constante necessidade de provar a falsa imagem social que lhe foi imputada ao mesmo tempo que a sociedade reforça o estigma a fim de manter a identidade do estigmatizado deteriorada para que se reforce sua condição opressora, mantendo o controle social de seu status de superior com relação aos indivíduos portadores do estigma.

Conforme explica Goffman (1988), os estigmatizados demarcam sua imagem social a partir do momento em que sua diferença "se revela de modo imediato, e não se tem um conhecimento prévio (ou pelo menos ele sabe que os outros sabem), isto é, quando não é, na verdade, pessoa desacreditada, mas desacreditável", ou seja:

O desacreditado não necessita manter somente o controle da tensão emocional diante dos controles sociais, mas um bom controle da informação acerca dos estigmas, como, por exemplo, dizer a verdade ou mentir a quem, como, onde e quando queira, em determinada situação ou momento (MELO,2005)."

Nesse sentido o indivíduo estigmatizado somente será capaz de reverter o jogo e ser capaz de abdicar o estigma que lhe é imposto, para tal cria estratégias de revalorização.

O contra estigma surge em um contexto onde o indivíduo estigmatizado muda a lógica de construção das representações sociais. Considerando que o reconhecimento que ele tem de si próprio carece de uma validação, mesmo que inconsciente do outro, na forma de um reconhecimento, bem como o reconhecimentos dos outros em si mesmo, o indivíduo passa a manipular meio que inconscientemente ou não as imagens sociais que se formam a seu respeito, modificando as imagens do real no cotidiano. Alterando os signos que antes denotavam aspectos de crédito, honra e prestígio podem agora assumir papéis totalmente antônimos em função das novas representações sociais constituídas, criando uma conjuntura muito dinâmica, como explica Picollo (2012).

São parte de um e outro concomitantemente, a fortaleza de um pode ser a fraqueza do outro e vice-versa, portanto, existem paralelos e similaridades em suas funções sociais e não nexos adjacentes, mesmo porque, na linha de análise interacionista, e isto é fundamental, o normal e o estigmatizado não são indivíduos propriamente ditos, e, sim, perspectivas, pontos de vista, interpretações, interações (PICOLLO, 2012).

A construção de um contra estigma também se demonstra pelo grupo no momento em que os indivíduos assumem uma identidade étnica, seus valores e representações decorrentes desse processo. Nesse ínterim, o estigmatizado busca propositalmente diferenciar-se do estigmatizador, com o objetivo de inserir-se pela diferença, ressaltando-se, construindo para si e perante o reconhecimento dos outros um outro grupo, que agora por ser um protagonista configura-se em um papel de ator e sujeito da sua história, e não mais como objeto.

Uma das manifestações de identidade social é a identidade étnica, que permite apreender a própria etnicidade e constitui a principal característica do grupo étnico. (...) O principal significado emocional de pertinência a um grupo étnico é um princípio organizador e mobilizador de interesse de grupos específicos, com isto podendo possuir uma conotação positiva. Grupos étnicos são grupos cujos membros possuem uma identidade distinta e atribuída e, ao mesmo tempo, têm, basicamente, cultura, origem e história comuns (JOAQUIM, 2001, p. 52).

Trabalhos de CANTO (2008) e HONNEF (2012) já relatam experiências de valorização de comunidades quilombolas após o processo de reconhecimento. Grupos passaram antes “ invisíveis” socialmente passam a ser reconhecidos pelo poder público, o que contribui para a valorização e autoestima dos moradores das comunidades quilombolas.

A partir dessa compreensão, percebemos que a iniciativa do grupo em buscar o reconhecimento como uma comunidade remanescente de quilombo já é um dos indícios da construção de um processo de revalorização, essa nova condição lhes dá condições de reforçar seus laços de reciprocidade, dessa forma, contribuindo para a retomada e fortalecimento da identidade, a partir do momento em que o grupo constrói representações sociais em comum.

1.4 Signos e símbolos sob a égide das representações sociais

A compreensão das representações sociais emerge da área da psicologia social, no tocante que esta faz um esforço em observar, interpretar e descrever como as ideias, signos e símbolos passam a ser realidades. Nos surge então o questionamento de como esses pensamentos passam a fazer parte de um sólido processo de construção de um imaginário coletivo ao ponto de orientar ações, ou até mesmo de que ponto os pensamentos independem das representações criadas.

Representação é um termo associado à idéia que concebemos do mundo ou de uma coisa, uma imagem mental cognitiva que remonta ao mundo real e, quando estas representações são aceitas e partilhadas por um grupo de pessoas, estamos diante de uma representação social. Segundo Jodelet (2001, p.22), a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Diferente do saber científico, a representação social é o saber comum, ingênuo ou natural que possui grande importância para a vida social. As representações fornecem elementos que possibilitam a compreensão do mundo, gerenciá-lo e até mesmo enfrentá-lo (JODOLET, 1989, p.31).

A trajetória da teoria das representações sociais origina-se com o sociólogo francês Émile Durkheim e seu conceito de "representações coletivas" apresentado em seu livro "O Suicídio", em 1987, para se referir às características do pensamento social e distinguí-las das do pensamento individual (HEWSTONE, 2001, p. 218), esse conceito ofereceu subsídios para outros autores avançarem no estudo, como realizou Serge Moscovici, que desbravou as representações na corrente da Psicologia Social.

Moscovici foi o precursor do termo *representações sociais*, essa mudança em relação ao termo é justificada por acreditar que as representações são um fenômeno e não um conceito, como outrora Durkheim definia de representações coletivas, um fenômeno que por sua vez agrega um sistema de valores, crenças e conceitos emanados da vida cotidiana, pode-se considerá-las como o senso comum do mundo contemporâneo. A fim de se aproximar das relações do mundo real, Moscovici define:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, entrecruzam-se e cristalizam-se sem cessar por meio de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, dos objetos consumidos ou produzidos, das comunicações trocadas estão impregnadas delas. Como sabemos, elas correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, assim como a ciência e os mitos correspondem a uma prática científica e mítica (MOSCOVICI, in SEMIN, 2001, p. 207)

O conceito de representação social distingue-se das noções de mitos, opiniões e ideologias pessoais, segundo Moscovici (2003), esses conceitos

fundamentam-se na premissa de um estímulo externo, todavia no âmbito das representações sociais não há uma separação entre o universo externo e seus estímulos e do universo interno do indivíduo e todos seus influxos decorrentes.

Enquanto essas representações, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-presentadas (MOSCOVICI, 2003, p.37).

Nas representações sociais o indivíduo não reproduz um estímulo dado, pois estes não levam em conta o papel dos indivíduos e suas interações, podendo ser considerados estáticos, mas pelo contrário, ele o reconstrói como objeto, e também se forma como sujeito no processo, sendo assim, as representações sociais são como um prelúdio à ação. Nesse sentido, Jodelet (2001) avança na compreensão inicialmente desenvolvida por Moscovici, quando conceitua representação social como:

[...] uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. De uma maneira mais ampla, ele designa uma forma de pensamento social.

Segundo Jodelet (1989) a importância das representações sociais surge pois:

“Temos sempre necessidade de saber a que nos agarrar relativamente ao mundo que nos rodeia. É preciso, de fato, ajustarmo-nos, dirigirmo-nos, dominar física ou intelectualmente esse mundo, identificar ou resolver os problemas por ele postos. Por estas razões, fabricamos representações ... partilhamos este mundo com os outros, apoiamo-nos neles – umas vezes na convergência, outra vezes no conflito – para o compreender, para gerir esse mundo ou afrontá-lo. Eis por que razão tais representações são sociais e tão importantes na vida corrente.”

Com relação ao funcionamento das representações sociais, Moscovici apresenta dois processos, os quais denomina objetivação e ancoragem, a objetivação é o processo por meio do qual um conceito ou noção abstrata ganha forma e torna-se concreta por meio de imagens ou idéias (VALA, 1996).

Conforme observa-se Moscovici foi o pioneiro no estudo das representações sociais. Alves (2008) cita dentre os vários autores que contribuíram para o

aprofundamento da teorização das representações sociais Denise Jodelet, segundo o autor ela foi responsável pela sistematização da teoria bem como pelo seu aprofundamento teórico, Jodelet (1989) também retoma os termos de objetivação e ancoragem propostos por Moscovici. A autora define objetivação como "uma operação imaginante e estruturante que dá corpo aos esquemas conceituais, reabsorvendo o excesso de significações, procedimento necessário nesse processo". A partir disso, avançamos na compreensão de que a objetivação em cada indivíduo depende de seu universo psicológico, ou seja, como o indivíduo entende um novo acontecimento a partir das interpretações que já possuía. A personificação de heróis, a idolatria e até mesmo as rotulações dadas a grupos são formas de objetivação.

Já o processo de ancoragem é o processo de classificar informações sobre um objeto social em relação às estruturas de conhecimento anteriormente existentes; assim, as representações sociais dependem de uma memória coletiva (MOSCOVICI, 2003). Dessa forma, a partir do momento em que as representações sociais são ancoradas, os indivíduos superam o desconhecido, transformam o estranho em familiar e alcançam a condição de avaliar, categorizar e compartilhar informações, desse modo, as representações sociais possibilitam a construção e legitimação da identidade social do grupo.

[...] a ancoragem serve à instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para interpretação e gestão do ambiente, e então se situa em continuidade com a objetivação. A "naturalização" das noções lhes dá valor de realidades concretas diretamente legíveis e utilizáveis na ação sobre o mundo e os outros. Além disso, a estrutura imaginante da representação torna-se guia de leitura e, por "generalização funcional", teoria de referência para compreender a realidade. (Jodelet, 2001:18)

O termo ancoragem faz relação à um "apoio, proteção", uma etapa que perpassa toda representação, pois toda nova ideia, após ser objetivada deve estar ancorada em algum conceito, essa lógica é imprescindível para que a construção das representações sociais, pois é necessário tornar o desconhecido conhecido, muitas vezes utilizado bases científicas para ancorar uma nova representação social.

No âmbito das representações sociais, Moscovici fez um esforço em compreender os fenômenos cognitivos responsáveis pelas criações de imagens e signos, pois estes estão fundamentados no processo de formação das

representações sociais. Segundo o autor, as interações sociais são o ponto de partida para essa compreensão, particularmente Moscovici atribui à comunicação o papel de troca de informações entre os indivíduos, logo, fundamental para a criação de um universo consensual entre as representações criadas por um grupo. Moscovici aborda a influência da comunicação sob três níveis, conforme explica Jodelet (2001):

1 - Emergência das representações onde as condições afetam os aspectos cognitivos:

Entre essas condições se destacam: a dispersão e a distorção das informações concernentes ao objeto representado e que são desigualmente acessíveis segundo os grupos; a focalização em certos aspectos do objeto em função dos interesses e da implicação dos sujeitos; a pressão à inferência devida à necessidade de agir, tomar posição ou obter o reconhecimento ou adesão de outros (JODELET, 2001).

2 - Processos de formação das representações: Compreendem as etapas de objetivação e ancoragem.

3 - Dimensões das representações que têm influência na edificação das condutas: Refere-se à questões de opinião, estereótipo e atitudes individuais.

Partindo dos níveis expostos acima, compreende-se a importância da comunicação para os fenômenos que colaboram para a construção das representações sociais, pois é a comunicação a principal transmissora de representações, pois enfatiza e influencia a construção de signos que são apropriados por meio de discursos que os empoderam e são capazes de corroborar para a construção de realidades partilhadas entre indivíduos de um mesmo grupo.

Todos possuímos identidades, estas não são estáticas, cada indivíduo assume diferentes identidades em diferentes ocasiões, pode-se dizer que em um indivíduo não há uma identidade, mas está havendo. A identidade social é construída a partir das representações que um indivíduo faz de si mesmo ao fazer parte de um determinado grupo, a construção da identidade se dá não apenas pelas representações que o indivíduo faz dele mesmo no grupo em que está inserido, mas também das representações sociais que ele possui dos grupos opostos, dessa forma, o grupo constitui uma imagem comum, pela qual cada integrante procura fundamentar sua participação, trabalhando em prol da coesão do grupo, criando

signos, símbolos e representações próprias que diferem o seu grupo dos demais. (MACHADO, 2003).

Devido à histórica hegemonia branca, o sujeito negro tende a construir para si uma representação social carregada de estigma. Segundo Souza (1983), a identidade do negro pode chegar a um "Estado de Alienação", no qual ele deixa de pensar em si mesmo como negro, logo, ele desiste de assumir sua própria identidade. Todavia, para a busca de uma retomada da identidade antes deteriorada, faz-se necessário retomar sua identidade por meio da coesão de laços de solidariedade e reciprocidade, elementos bem característicos de uma configuração de indivíduos como as comunidades tradicionais reconhecidas.

As comunidades tradicionais são caracterizadas por grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. A exemplo de uma comunidade tradicional, temos os quilombos como grupos étnico-raciais que só são possíveis e legítimos a partir de suas próprias convicções, ou seja, é necessária a "auto-atribuição" dos atores de modo que considerem a si próprios como constituintes de um grupo distinto. Segundo alguns autores (Barthes, 1997; O'Dwyer, 2002) e também conforme art. 2º do Decreto 4.887/2003 as noções de "trajetória histórica própria", "relações territoriais específicas" e "presunção de ancestralidade negra relacionada à resistência" também fazem parte do conjunto dos critérios adotados para definir o quilombo como um grupo étnico formador de uma comunidade tradicional (SILVA, 2010) e, por fim, a emissão de um laudo por uma equipe de antropólogos garante o reconhecimento de uma comunidade quilombola.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia foi desenvolvida com o objetivo de conduzir a investigação para responder à problemática da pesquisa. Antes de mais nada é preciso esclarecer que metodologia é entendida aqui como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades (Demo, 1989). Para alcançar a busca de um conhecimento, se faz necessário um caminho para obter de maneira racional e eficiente os objetivos da pesquisa, no conjunto de processos empregados nesse trabalho iremos nos debruçar agora.

Os métodos científicos ainda classificam-se em técnicas específicas que serão os instrumentos pelos quais será possível alcançar os objetivos propostos. Com relação à pesquisa, formadora de ciência, Minayo (1993) compreende que:

[...] vendo por um prisma mais filosófico, considera a pesquisa como “atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados”.

Nas ciências sociais aplicadas há uma crescente utilização da pesquisa qualitativa, principalmente a partir da década de 70 (GODOY, 1995). Segundo Martins (2004), a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de micro-processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, é caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Por considerar uma gama complexa de fatores interrelacionados, a metodologia qualitativa pressupõe que os dados coletados não

podem ser reproduzidos em laboratório e ou submetidos a um controle, ou seja, as reconstruções das realidades serão sempre parciais e passíveis de interpretações distintas, conforme o olhar do pesquisador, suas observações e sensibilidades.

Para Bauer (2004), a pesquisa qualitativa trabalha com interpretações da realidade social e utiliza como protótipo a entrevista em profundidade. A abordagem qualitativa diferencia-se da quantitativa principalmente pela primeira priorizar medir e quantificar os fenômenos de acordo com a teoria proposta visando generalizar os resultados da pesquisa, com um viés muitas vezes, positivista (FLICK, 2009). O autor também observa que “a pesquisa está cada vez mais obrigada a utilizar-se das estratégias indutivas. Em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários “conceitos sensibilizantes para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados” (FLICK, 2009, p.21). Outra diferença entre as duas abordagens que justifica a escolha pela abordagem qualitativa está relacionada à importância conferida às questões subjetivas na interpretação e no entendimento do fenômeno estudado, que procura entender o ponto de vista dos atores sociais (SAMPIERI, 2005).

Como o trabalho em questão apresenta um forte viés sociológico, pois faz um esforço em compreender a teia de relações sociais e seus desdobramentos, nesse sentido, a metodologia deste trabalho assumiu um caráter qualitativo, pois utilizou a observação e entrevistas semi-estruturadas como principal elemento de coleta de dados. Dentre os métodos qualitativos conhecidos, será utilizado o estudo de caso que, segundo Godoy (1995), visa o exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular. Por se tratar de uma metodologia qualitativa, ao longo do desenvolvimento o trabalho passou por avaliações, quando necessário foram reformulados os parâmetros sob análise conforme o cenário configurou-se aos olhos do pesquisador.

Como objeto de estudo é uma comunidade de remanescentes de quilombos, fez-se necessário um mergulho na vida do grupo, o que exigiu uma aproximação baseada no respeito, amizade, afeto e confiança. Os moradores do Rincão da Chirca abriram seus passados, memórias, histórias e estórias para um estranho. As frias tardes no interior da Serra do Caverá tornaram-se quentes pelo afeto dos que me recebiam, que à cada mate sorvido abriam seus corações e me mostravam com um carinho ímpar fotos de seus antepassados, memórias de um tempo de estigmatização, de uma identidade hoje sendo resgatada.

2.1 Procedimentos metodológicos

2.1.1 Revisão de Literatura

O método aplicado para buscar responder o problema de pesquisa iniciou-se pela realização da revisão bibliográfica especializada sobre o tema do estudo, a fim de situar a pesquisa dentro da grande área da qual faz parte, contextualizando-a com a literatura disponível. Nesta fase, buscou-se construir um sólido marco teórico sobre as representações sociais e construção da identidade negra dos moradores do Rincão. A partir da revisão de literatura, foram definidos os autores pertinentes à fundamentação teórica da pesquisa, para assim, através do diálogo entre os autores e as sobreposições de pesquisas, ser possível construir subsídios para o desenvolvimento do trabalho.

Posterior à revisão bibliográfica, realizou-se a análise documental por meio de um levantamento dos documentos históricos existentes nas famílias que compõem o rincão, que auxiliaram a atingir os objetivos do trabalho, nesse momento foi imprescindível o entendimento do contexto histórico em que os documentos foram produzidos. Para Appolinário (2009: 67), um documento é “Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Neste trabalho foram utilizadas fotos, cartas e manuscritos de informantes qualificados da comunidade em estudo, o que ofereceu condições de reconstruir uma parte da história vivida em tempos de outrora:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito

freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).

Tanto na revisão de literatura como durante a análise documental, obteve-se um documento como objeto da investigação, todavia, na análise documental ainda não houve nenhum tratamento sobre o documento, logo, faz-se necessário um olhar cuidadoso aliado a um conjunto de métodos para interpretar as informações ali contidas, categorizando-as para que por fim possa ser apreendida a compreensão da realidade do tempo e contexto em que foram produzidos.

As informações pertinentes ao objeto de estudo foram coletadas, tabuladas e analisadas com o objetivo de produzir uma nova reflexão, a partir da conexão de dados até então isolados nessas fontes. Para a partir da reconstrução de dados do passado poder fazer inferências com relação ao futuro da comunidade e mais, compreender o legado de seus antecedentes.

2.1.2 Análise do Discurso

A análise do discurso foi considerada nesse trabalho com o objetivo de extrair o sentido não explícito da fala dos indivíduos entrevistados. Sendo assim, compreende-se para efeito desta reflexão que a organização e a estruturação das palavras definem os discursos e possibilitam a compreensão dos fenômenos e dos conceitos. A palavra expõe as contradições e os conflitos existentes em uma dada realidade, pois é construída a partir do emaranhado de fios ideológicos que expressa o repertório de uma época e de um grupo social; portanto, a compreensão do discurso exige a compreensão das relações sociais que ele expressa (Minayo, 2004). Todo discurso é impregnado do contexto, da cultura e das intenções daquele que fala, nesse sentido, a análise do discurso surge como um método capaz de atender a difícil demanda de ler o oculto e verdadeiro sentido nos discursos.

Segundo Orlandi (2001), a análise do discurso busca desvendar os mecanismos de dominação que se escondem sob a linguagem, não se tratando nem de uma teoria descritiva, nem explicativa, mas com o intuito de constituir uma proposta crítica que problematiza as formas de reflexão anteriormente estabelecidas.

Com o olhar direcionado para a análise do discurso, buscou-se através dessa técnica extrair informações construídas pelo grupo, crenças e valores compartilhados pelo imaginário coletivo, o que se tornaria difícil de observar através de outra estratégia. Buscou-se por meio da entrevista se aprofundar em determinados assuntos até o momento em que houve a saturação das informações apresentadas e/ou quando foi alcançado o objetivo proposto.

Na análise do discurso foi necessário aprender a importância do silêncio, decifrá-lo, surgiu então uma série de desafios devido à sua complexidade, dentre as quais pode-se citar:

- Momento de silenciar: Durante a entrevista o observador deve ser capaz de permanecer em silêncio, oferecendo sempre o espaço para o observado falar até que se esgote a pauta, desde que não haja desvio de foco, que então cabe ao pesquisador retomar o ponto previsto do roteiro de observação.
- Momento de escutar: Compreender o som do silêncio, ler as pausas entre as falas, entonações, a fim de desvelar os segredos ocultos nas falas.

Em concordância com o explicitado acima, a análise do discurso prediz um rompimento com a lógica de um significado isolado das palavras observando somente o viés gramatical, doravante as palavras ou construções lingüísticas carregam uma dubiedade no sentido, dando acesso aos verdadeiros sentidos que o sujeito busca até mesmo inconscientemente emanar em seu discurso. Em suma, a análise do discurso nada mais é que a análise da fala em seu contexto, o que corrobora à compreensão de como os indivíduos atuam no mundo concreto. Segundo Gondim (2009), se a análise de discurso consiste em evidenciar os sentidos dos discursos, levando em conta suas condições de produção sociais, históricas e ideológicas, é preciso ir além do texto e encontrar as condições que o produziram para se ter acesso ao sentido.

A fim de compreender as representações sociais, seus signos e símbolos, adotou-se a análise do discurso do sujeito coletivo (DSC). O DCS foi proposto inicialmente por Lefèvre (2000), segundo o autor:

O DSC é um discurso síntese, fruto dos fragmentos de discursos individuais reunidos por similaridade de sentidos. Tal discurso, formulado na primeira pessoa do singular, é elaborado pelo pesquisador e analista de discurso. A primeira pessoa do plural não é a mais apropriada porque destaca um “nós” que marca mais uma oposição ao “eles” do que uma inclusão dos demais entes sociais em uma categoria ontológica de nível

coletivo. A primeira pessoa do singular, ao contrário, simboliza de modo mais preciso um hipotético sujeito coletivo único (individual) para o qual se concede um caráter ontológico.

Nesse sentido, compreende-se que os discursos individuais acabam por serem os discursos coletivos enunciados por apenas uma pessoa, logo, servindo de análise de todo um contexto do grupo em estudo. Ao considerar isso, observamos que o que sustenta metodologicamente a análise do discurso coletivo é a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978) e estas estão fortemente associadas à construção de teorias do senso comum compartilhadas coletivamente, cujas funções são tanto de enquadramento dos objetos sociais em sistemas hierárquicos estruturados de relativa estabilidade, quanto de prescrição para guiar ações e interações sociais (MOSCOVICI, 2003 apud GONDIM, 2009). Sendo assim, surge por meio da análise do discurso um instrumento fundamental para a compreensão das relações e representações sociais da comunidade do Rincão da Chirca.

O uso da análise do discurso é um instrumento de coleta de dados que será usado nesse trabalho de forma complementar, se faz necessário a compreensão de que as falas não podem ser aceitas como uma verdade, mas sim como uma perspectiva de quem as profere e são utilizadas como um dado, onde será necessário a triangulação com outras informações pertinentes.

2.1.3 Observação

Aliada às outras técnicas, realizou-se a observação como instrumento de coleta de dados. Durante o período à campo buscou-se informações científicas, totalmente diferentes de uma observação causal, para que as informações obtidas durante a observação tenham um valor científico, fez-se necessária a aplicação de metodologias específicas, a fim de identificar os fatores que tenham pouca ou até mesmo nenhuma relação com o complexo comportamento em jogo durante um estudo de caso. O uso da observação controlada e sistemática se torna um instrumento fidedigno de investigação científica. Ela se concretiza com um planejamento correto do trabalho e preparação prévia do pesquisador/observador (LÜDKE, 1986).

Ao observador não basta somente olhar, tampouco um olhar vago, mas uma observação incansável focado em compreender, diagnosticar e detectar nuances do grupo, o que requer disciplina, esforço e um rigor metodológico, capaz de oferecer condições de transformar meras observações em conhecimento científico. O observador deve ser capaz de descrever e identificar uma gama de relações simultâneas e processos sociais que estão acontecendo no momento da observação. A observação é uma ação altamente reflexiva, pois é por meio dela que o pesquisador faz um esforço em enxergar além do que se vê, nas entrelinhas, à espera de ver o que ainda não se sabe.

No estudo em questão foi utilizada a técnica da observação semi-estruturada. Nessa técnica, VIANNA (2003) afirma que o observador deve buscar restringir o campo de sua observação, para então mais tarde balizar suas atividades e, se necessário os objetivos iniciais da pesquisa ou determinando com mais precisão e segurança o conteúdo das observações, dando condições para fazer as mudanças necessárias do plano inicial do trabalho.

Na observação não participante pode-se considerar que o observador permanece alheio ao grupo observado, atuando como um mero espectador, interferindo no menor grau possível (GIL, 1999), os indivíduos sob análise não sabem que estão sendo observados, nessas condições, o observador obtêm a informação como ela realmente ocorre, porém de uma maneira instantânea no tempo, como uma foto com suas nuances e limitações analíticas.

Segundo Lofland (1971) apud Vianna (2003) há cinco elementos fundamentais que devem constar nas de notas de campo: 1) breves descrições de ocorrências; 2) elementos esquecidos e que depois voltam à lembrança; 3) idéias analíticas e inferências; 4) impressões e sentimentos; 5) notas para futuras informações.

Os olhos do pesquisador observador devem estar treinados para perceber e interpretar a linguagem corporal do observado, a fim de capturar os estados emocionais que não são expressos por meio da fala, sejam movimentos com as mãos, expressões faciais, posições das pernas e dos braços, eles podem ter significados desde que contextualizados. Quanto à linguagem verbal, um sim é apenas um sim, já na observação da linguagem verbal mais a linguagem corporal um sim pode revelar muito mais que uma afirmação, o que pode corroborar para o observador ler as entrelinhas veladas, segundo Gallardo (2008):

A linguagem corporal é responsável por 60% de toda nossa comunicação, o que faz da percepção um sentido tão importante quanto a audição. Isto implica dizer que, no diálogo, identificar o que o outro comunica por meio do corpo é tão significativo quanto ouvir o que ele diz.

Para Rector (1999), nosso corpo confirma, enfatiza, complementa e até mesmo contradiz o que queremos comunicar verbalmente, pois a comunicação verbal é consciente, ao tempo que a corporal é inconsciente e pode revelar o que o observado quer esconder, ou seja, por mais que haja a afirmação de gostar de algo, o observado pode não gostar, logo, o corpo demonstra, o corpo fala.

Aliado à observação não participante agregaremos a observação participante, que propõe uma imersão do pesquisador no interior do grupo, interagindo com os indivíduos, a fim de extrair informações a partir das relações cotidianas, sobre o viés de um membro do grupo. Acerca da conceituação da observação participante Serva (1995) afirma:

É uma situação de pesquisa onde observador e observado encontram -se face a face, e onde o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em dado projeto de estudos.

O processo de observação participante possibilita obter a informação à campo no momento em que ela ocorre, na presença do observador. Para a compreensão das representações sociais torna-se necessário acompanhar o cotidiano das pessoas, seus modos de vida, a relação interpessoal, fatos que são possíveis mediante a aplicação da técnica da observação participante.

Foram utilizados dois momentos específicos de observação na comunidade do Rincão da Chirca. Com os dados obtidos da primeira visita realizou-se uma análise inicial das informações e notas de campo, o que permitiu gerar protocolos de observação apropriados aos elementos em jogo no contexto, possibilitando na segunda coleta de dados seguir a pesquisa a partir de uma observação mais dirigida.

2.1.4 Questionário aberto

Também há a necessidade de coleta de dados primários, para foi será utilizada a técnica das entrevistas, por considerar que são instrumentos de grande importância na obtenção de dados à campo, oferecendo uma gama de informações em que o entrevistador pode captar o que deseja não somente por meio da fala, mas também através de outros meios como, por exemplo, a leitura da linguagem corporal do entrevistado, tudo isso concerne às entrevistas uma valiosa técnica de obtenção de dados, capaz de apropriar-se de sentidos, expressões e comportamentos intrínsecos na vida dos entrevistados. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de aprofundar elementos na busca de perguntas advindos de observações exploratórias anteriores. A capacidade desta técnica em aprofundar questões é mencionada por Arsey e Knight (1993, p.32 *apud* Gray, 2009, p. 300) "*A entrevista é uma forma poderosa de ajudar as pessoas a explicitar as coisas que até então estiveram implícitas - formular suas percepções, seus sentimentos e seus entendimentos tácitos*". Ainda Gray (2009, p. 301) aborda a riqueza de respostas características da técnica das entrevistas, pois através dela há a possibilidade de captura de nuances, oportunizando ao entrevistador a possibilidade de adaptar, esclarecer e improvisar perguntas ao longo da entrevista.

Segundo Gil (1999), a entrevista é uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Dentre as vantagens da entrevista está a possibilidade de se estudar uma ampla variedade de fenômenos, bem como uma atitude de conjuntos comportamentais, como a linguagem corporal, observação e análise do discurso associam-se a esta técnica.

Durante as entrevistas buscou-se inicialmente explicar a finalidade do trabalho e a confidencialidade das informações. Com a permissão dos entrevistados as conversas foram gravadas, com a finalidade de trabalhar a análise do discurso posteriormente, conforme seguiam as entrevistas, eram realizadas anotações de memórias e informações pertinentes ao estudo da linguagem corporal. Coube ao entrevistador compreender os momentos de se aprofundar em determinadas questões à vista do protocolo das entrevistas, relacionando sentimentos, pensamentos e lembranças dos entrevistados. A entrevista aberta foi uma estratégia desse trabalho, segundo MINAYO (1993):

A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos.

A formulação do roteiro da entrevista foi uma das etapas que considerei mais importantes, requereu tempo e planejamento, sempre tendo em vista os objetivos a serem alcançados com cada pergunta.

Um dos elementos que foi decisivo na escolha da entrevista como instrumento de coleta de dados nesse trabalho foi o fato de poder se aprofundar em assuntos mais delicados, observados durante o desenrolar das conversas. Demonstrações de submissão, reforços de estigmas e denotações de identidades deterioradas surgiam em meio ao discurso conforme aumentava minha interação com os entrevistados. Aspectos afetivos, depreciativos e valorativos que cada entrevistado possuía de si mesmo e de seus pares que compunham o grupo, surgiam em respostas espontâneas, o que garantiu suprimentos para uma coerente análise de dados.

Como já mencionado, neste trabalho a entrevista semi-estruturada foi um dos instrumentos de coleta de dados à campo. As perguntas foram norteadas em três eixos principais (vide anexo D), o primeiro diz respeito à formação e desenvolvimento do rincão até os dias atuais, o segundo eixo levanta questões a cerca das relações sociais entre os indivíduos do grupo e, por último, buscou-se compreender como se deu o processo de reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombos e como isso implicou na nova configuração de signos e símbolos coletivos.

2.2 O estudo de caso como estratégia de pesquisa

O presente trabalho buscou por meio de um viés sociológico compreender os objetivos apresentados, para tal, o estudo de caso foi utilizado como estratégia de pesquisa durante as fases de planejamento, coleta, análise e apresentação dos resultados. Segundo PONTES (2006), o estudo de caso:

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse.” (Ponte, 2006)

Nesse ínterim, a escolha desse método ocorreu devido à sua singularidade de perscrutar vários métodos próprios da pesquisa qualitativa, isto é, uma ampla variedade de evidências, sejam eles documentos, análise do discurso de registros de áudio, entrevistas e observações, oferecendo possibilidades para o cruzamento dessas informações com confiabilidade, oferecendo ao pesquisador diferentes perspectivas dos participantes capaz de formar uma cadeia de evidências que legitimem o caminho até a compreensão das problemáticas apresentadas. Sendo assim, o estudo de caso não é nem uma tática para a coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente (YIN, 2001), que oferece artifícios para organizar dados e informações, sejam elas quão variadas e minuciosas o possível.

Segundo Yin (2001), outras estratégias em que o estudo de caso baseia-se são as proposições teóricas pré-estabelecidas, ou seja, é de fundamental importância o arcabouço teórico a fim de oferecer a comparação dos resultados, nesse sentido se faz necessário o aprofundamento na literatura pertinente ao estudo, para então, com o estudo de caso, obter um estudo intensivo e aprofundado do contexto e do grupo em específico. A segunda refere-se às explicações concorrentes, muito útil para fazer as avaliações do estudo em si e por último a descrição do caso, a fim de localizar o leitor a cerca de todo o contexto ao qual a problemática da pesquisa está inserida. Nesse sentido, o estudo de caso é uma metodologia de pesquisa que oferece a vantagem de compreender o todo com uma visão holística e ao mesmo tempo, se articulado com outros instrumentos metodológicos, oferece o enriquecimento no trabalho e na busca do conhecimento.

3 CONHECENDO O RINCÃO DA CHIRCA

A região do Pampa é formada por um cenário de diferentes grupos de atores sociais, dividindo-se em função do tamanho de suas áreas e do tipo de uso do espaço. Os grandes estabelecimentos rurais são caracterizados por duas principais tipologias de produtores: os pecuaristas, que são representados pelas estâncias de criação de gado de forma extensiva, e os agricultores, grandes produtores de arroz que, nos últimos anos, também vêm desenvolvendo a produção de soja. As médias propriedades são caracterizadas por alguns produtores de soja e arroz, porém a maioria são criadores de bovinos e ovinos com propriedades de até 300 ha, podendo ser considerados pecuaristas familiares².

Uma parcela significativa de pequenos produtores do pampa formam comunidades denominadas rincões. Atualmente, esses moradores dos rincões são produtores de autoconsumo e assalariados temporários e permanentes das estâncias vizinhas, que por serem uma mão-de-obra qualificada são empregados nos serviços diretamente relacionados com a atividade de pecuária (como, por exemplo, alambrador, peão de campo, esquilador, entre outras denominações regionais). Também há um elevado número de aposentados rurais, consequência de um processo de envelhecimento no campo, fato que podemos associar à onda de êxodo rural que houve de forma acentuada a partir da década de 1950.

A Comunidade do Rincão da Chirca, comunidade localizada em Rosário do Sul na Serra do Caverá, é inserida na Área de Preservação Ambiental do Ibirapuitã (APA). Rosário do Sul localiza-se na Região da Fronteira Sudoeste do estado, seu relevo é suavemente ondulado, com predominância de gramíneas nativas. Possui uma população de 39.707 habitantes (87,97% urbano e 12,03% rural), é relativamente baixa a concentração de habitantes por área se compararmos à

² Conforme Decreto Estadual nº 48.316 de 31 de agosto de 2011, que regulamenta o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar - PECFAM.

maioria dos municípios do estado. A economia do município é caracterizada pela agricultura e pecuária. A APA do Ibirapuitã localiza-se na fronteira oeste do Rio Grande do Sul e está distribuída nos municípios de Alegrete (15%), Quaraí (12%), Rosário do Sul (16%) e Santana do Livramento (57%), totalizando uma área de 316.882,75 hectares³. O Produto Interno Bruto (PIB) per capita médio da região é de R\$11.941,50, bem abaixo da média do estado que gira em torno de R\$29.560,00, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio dos quatro municípios que compõem a APA é de aproximadamente 0,78.⁴, um pouco acima da média estadual que em 2013 foi estimado em 0,746.



FIGURA 1 - Localização da APA do Ibirapuitã. Fonte: SILVA, 2011.

Segundo o Artigo 15, inciso I da lei do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei N.º 9.985 de 18/07/00), a Área de Proteção Ambiental (APA) é uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais, especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

Vargas (2008) compreende que a mesma tem como finalidades específicas:

- Garantir a conservação de expressivos remanescentes de mata aluvial;

³ Fonte: Secretaria Estadual do Meio Ambiente/RS.

⁴ Os dados secundários apresentados nesta seção foram manipulados com base no Censo Demográfico de 2000 e 2010 - IBGE.

- Garantir a conservação dos recursos hídricos existentes na APA;
- Fomentar o turismo ecológico, a educação ambiental e a pesquisa científica;
- Melhorar a qualidade de vida das populações residentes através da orientação e disciplina das atividades econômicas locais;
- Preservar a cultura e a tradição do gaúcho da fronteira;
- Proteger as espécies ameaçadas de extinção em nível regional.

A APA (Área de Proteção Ambiental) do Ibirapuitã é caracterizada pelo latifúndio, modelo baseado em grandes extensões de terra, típico da ocupação territorial da metade sul do Rio Grande do Sul. O modo de produção nessas áreas é a pecuária extensiva, bem adaptado às condições naturais do Pampa, e demonstra-se sustentável, pois não necessita de medidas antrópicas para produzir, não alterando significativamente o ecossistema (LITRE, 2010). Dessa forma, o homem, o gado e a natureza coexistem, alterando minimamente o espaço onde essa condição da vegetação permite supor que a APA do Ibirapuitã se inclua entre as melhores amostras disponíveis da biodiversidade da região pampeana, caracterizando assim sua tipicidade, mesmo com a perda de algumas espécies de vertebrados (IBAMA, 2007).

O Pampa, por sua vez, sempre foi fonte de inspiração de poetas e escritores que viam aqui suas belezas. Pode-se definir o Pampa como uma região compartilhada pela Argentina, Brasil e Uruguai. A palavra “*pampa*” é um termo que originou-se do vocábulo indígena quíchua que significa “*região plana*” (RIBEIRO, 2011, p. 10). Após um longo período, repleto de lutas e batalhas pela delimitação de fronteiras e por movimentos por independência, a região pampeana acabou sendo povoada por diversos personagens: militares, fazendeiros, colonos, negros, descendentes de índios.

Hoje, sua estrutura fundiária é composta por grandes propriedades de pecuária extensiva e produção de arroz, porém nos últimos anos a cultura da soja vem ganhando espaço com as cultivares transgênicas, outra mudança no histórico sistema pastoril foi o advento das empresas multinacionais de florestamento que buscam na metade sul do estado áreas férteis, planas e baratas; porém, desde a colonização ibérica, a pecuária extensiva tem sido a principal atividade econômica do pampa.

Desde 2004, o Ministério do Meio Ambiente o enquadra como um bioma, sendo que no Brasil ele é restrito ao estado do Rio Grande do Sul, representando

aproximadamente 2% do território nacional e cerca de 63% da área do estado. Este importante ecossistema brasileiro é característico pelas suas planícies com suaves ondulações onde estão presentes as formações campestres e, ocasionalmente, pequenos arbustos.



FIGURA 2. Delimitação da Região do Pampa. (PICOLI, 2007)

A região do Pampa foi muito bem descrita pelo biólogo francês August de Saint-Hilare que viajou pelo Brasil no início do século XIX, registrando os traços de cada região, descrevendo a paisagem do pampa gaúcho da seguinte forma: “*Até agora tenho atravessado sempre planícies uniformes sem o mais leve acidente e unicamente animadas pela presença do gado aí apascentado [...].*” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 91). O Pampa inclui outros ecossistemas, além do campo propriamente dito, como banhados, áreas alagadas, protegidas por lei porque são fundamentais para a reprodução da vida e para a regulação dos ciclos da água. (VARGAS, 2008).

A partir de dados adquiridos em pesquisas anteriores (Oliveira, Fialho & Rozalino, 2013) foram apresentadas algumas informações sobre as condições socioeconômicas da população do Rincão da Chirca. A localidade é característica em sua maioria por núcleos familiares tradicionais, composto por um casal e seus filhos ou, em alguns casos, somente o casal reside na propriedade. A população total desse rincão é de 19 pessoas, 10 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino.

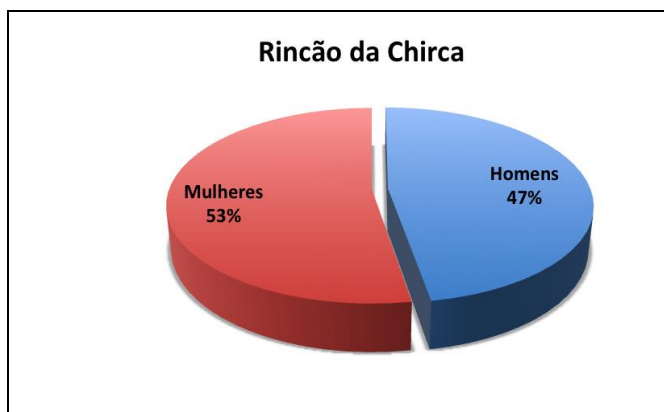


Gráfico 1 - Distribuição da população por sexo (Dados coletados à campo, 2013).

Observa-se que a população total é pequena, logo, não se pode a partir disso inferir que a maior proporção de mulheres na população esteja relacionada, por exemplo, à longevidade feminina frente à masculina.

O êxodo rural entre os jovens do rincão é característico, não havendo uma relação entre gênero que migra mais para a cidade, tanto rapazes quanto moças buscam nos centros urbanos melhores condições de estudo e colocação no mercado de trabalho. Inúmeras são as possibilidades que colaboram para o êxodo rural dos jovens no rincão, como a falta de oportunidades, a busca por melhores condições de estudo, o status social do urbano, entre outras ambições pessoais.

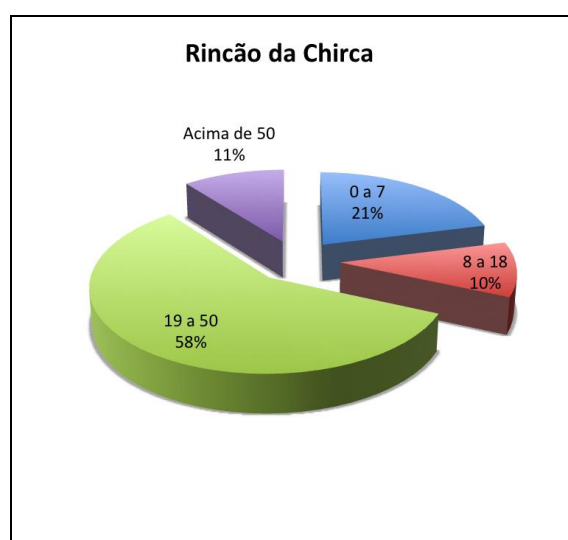


Gráfico 2 - Faixa etária da população - (Dados coletados à campo, 2013).

A maior parcela da população do Rincão da Chirca está em período de trabalho ativo, corresponde a peões que são empregados nas estâncias próximas ao rincão. Observa-se a presença de crianças e jovens, criando assim expectativas de sucessão na propriedade, também há uma pequena parcela de aposentados.

Sobre o processo de êxodo rural da população do Rincão da Chirca, destacam-se alguns eventos históricos que colaboraram para o processo na região do Pampa. No Rio Grande do Sul, a partir de 1870, iniciou-se o processo de cercamento dos campos, provocando mudanças significativas na dinâmica social da região sul do Brasil. Inicialmente as divisas eram identificadas por acidentes geográficos naturais ou por cercas de pedras, porém nos fundos de campo fazia-se necessária a permanência de um posteiro, que eram peões de estância que ali guardavam as fronteiras da propriedade e alertavam ao estancieiro caso houvesse roubo de gado ou avanço das divisas. Com o advento das cercas de arame, as grandes estâncias demarcaram suas terras, com isso os posteiros perderam sua função, pois não havia a necessidade da vigia constante das divisas. Agora, com o alambrado, torna-se mais difícil o roubo e também a mobilidade do gado, impossibilitando-o de fugir para as estâncias vizinhas.

Esses peões, antigos posteiros, formaram residências em pequenas faixas de terra, geralmente doadas pelos estancieiros com quem trabalharam por anos. Nesses cantos de campo, denominados rincões, por anos reproduziram-se famílias que garantiam seu sustento vendendo sua mão-de-obra às estâncias e produzindo basicamente para o autoconsumo. Nos rincões as propriedades familiares, por possuírem uma lógica de produção particular, não tinham condições de se manter em um ambiente econômico competitivo e que é favorável somente àquelas propriedades que serviam à lógica do novo processo de modernização da agricultura, com isso, esses agricultores familiares migraram para a cidade, na busca de centros mais dinâmicos, onde eram empregados na maioria das vezes com trabalhos que não exigissem qualificação profissional.

O Rincão da Chirca apresenta uma dinâmica produtiva característica. Os homens trabalham como mão-de-obra permanente ou temporária para os proprietários de grandes extensões de terra (estâncias) oferecendo seu trabalho em serviços especializados como changueiros, alambradores ou peões de campo, enquanto as mulheres trabalham como donas-de-casa, com o manejo dos animais

criados nas proximidades da casa e complementam a renda com atividades agroindustriais.

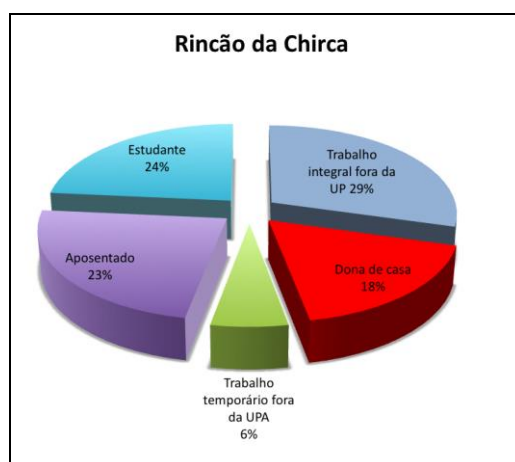


Gráfico 3 - Principal ocupação da população - (Dados coletados à campo, 2013).

Através dos questionários semi-estruturados, realizaram-se perguntas sobre a profissão de cada um dos moradores, a fim de compreender como cada ator social se vê na comunidade.



Gráfico 4 - Profissão declarada do casal - (Dados coletados à campo, 2013).

Observa-se no Rincão da Chirca uma rígida divisão social do trabalho, todos os casais responderam igualmente, a mulher se declara dona de casa, enquanto o

homem se vê como peão. Próximo do Rincão há uma escola municipal de ensino fundamental, cuja uma das professoras é moradora do Rincão da Chirca, neste rincão é notável a presença de jovens e crianças, todos que estão em idade de estudo estão cursando o ensino fundamental e também há crianças que ainda não atingiram a idade de estudar. A partir disso, pode-se inferir inicialmente que o Rincão da Chirca possui chances de manter a sucessão nas propriedades. Entretanto, estudos mais aprofundados são necessários para a melhor compreensão e segurança nas afirmações sobre o processo sucessório na localidade.

No Rincão, é grande a percentagem da população que possui o ensino fundamental incompleto, como mostra o gráfico abaixo, que corresponde também aos jovens que estão ainda estudando no ensino fundamental.

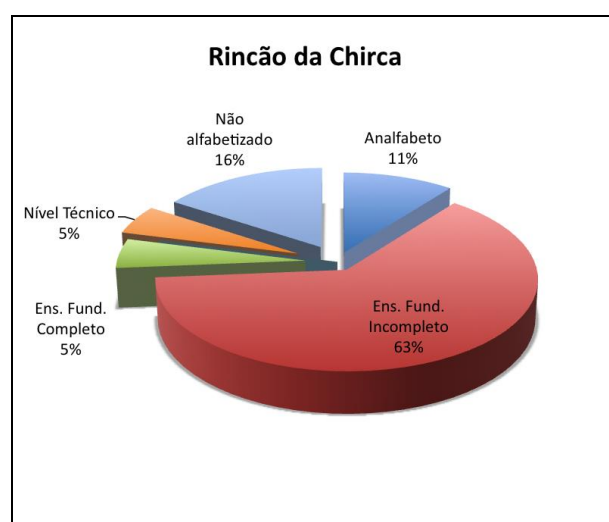


Gráfico 5 - Escolaridade da população - (Dados coletados à campo, 2013).

No Rincão observa-se que a população analfabeta não é em sua maioria composta de pessoas idosas, mas indivíduos com idade entre 30 e 35 anos, resultado da necessidade de inserção muito jovem no mercado de trabalho, na prestação de mão-de-obra às estâncias vizinhas da comunidade, inviabilizando a frequência nas séries iniciais do ensino fundamental. Fenômeno decorrente da dificuldade de reprodução social como resultado da atividade produtiva dentro da própria propriedade, motivando a venda da mão-de-obra para garantir a reprodução e permanência no meio rural.

Para os jovens cursarem o Ensino Médio necessitam deslocarem-se até a cidade mais próxima, Rosário do Sul. Devido à distância, torna-se difícil o deslocamento diário até a cidade, logo, os jovens precisam residir em Rosário do Sul para seguirem seus estudos, o que é uma tarefa economicamente difícil para as famílias, fato que se pode atribuir à dificuldade do jovem para concluir o Ensino Médio. Dessa forma, os jovens que permanecem no Rincão seguem no trabalho com seus pais, prestando mão-de-obra às estâncias; aqueles que vão para a cidade, seja para trabalhar ou estudar, ou ambos, não retornam mais para o rincão, por não conseguirem lá uma colocação no "mercado de trabalho".

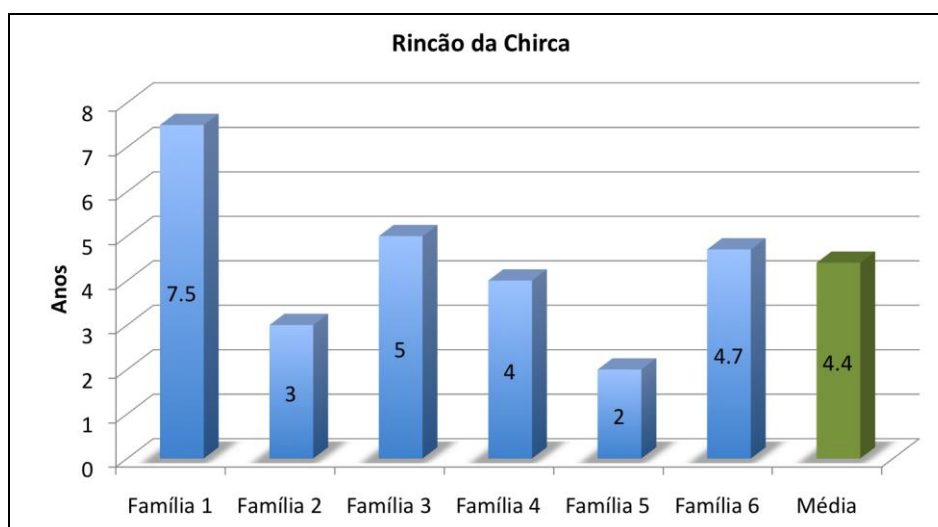


Gráfico 6 - Média da escolaridade por família - (Dados coletados à campo, 2013).

O Rincão da Chirca apresenta uma média de 4.4 anos de escolaridade por família. A família 1 possui uma pessoa com nível escolar técnico profissionalizante, que é a líder da comunidade, desempenhando papel de mediação e organização das famílias.

Estudos mostram que o nível de escolaridade dos pais está relacionado com o grau de escolaridade dos filhos e seu desempenho no mercado de trabalho, famílias com pais pouco escolarizados tendem a criar um ambiente pouco favorável ao estudo dos filhos, bem como pais com maior escolaridade alcançam uma renda melhor, possibilitando melhores condições de estudo para seu filhos. Porém, no rincão as famílias que possuem filhos em idade escolar, mesmo em alguns casos

com pais analfabetos, eles seguem estudando, pode-se inferir que a permanência desses jovens na escola esteja relacionada à busca de seus pais em darem aos seus filhos a educação que eles não tiveram. A entrada de políticas públicas nos governos Lula-Dilma, como o Bolsa-família, em que as famílias recebem incentivo financeiro para que seus filhos continuem estudando, contribui para a mudança da dinâmica educacional do passado, em que os pais tiveram que parar ou até mesmo nem iniciar os estudos para ter de trabalhar.

A principal fonte de renda das famílias do Rincão é venda de mão-de-obra e as aposentadorias, todavia, também há o incremento da renda por meio da pecuária extensiva, caracterizada pela criação de bovinos e ovinos com a finalidade de autoconsumo com a venda de excedentes. Entre as famílias do rincão não é comum a criação de suínos, apenas uma família na comunidade tem um animal para o consumo. A introdução da criação de suínos no estado se deu massivamente com os imigrantes europeus, pois devido às grandes extensões de campo e a pouca familiarização com a agricultura antrópica de produção de grãos, a cultura do gaúcho priorizava a produção extensiva de gado e ovelha. Observa-se que a família que cria suíno é aquela que sofreu maior influência externa aos costumes tradicionais do gaúcho dos pampas.

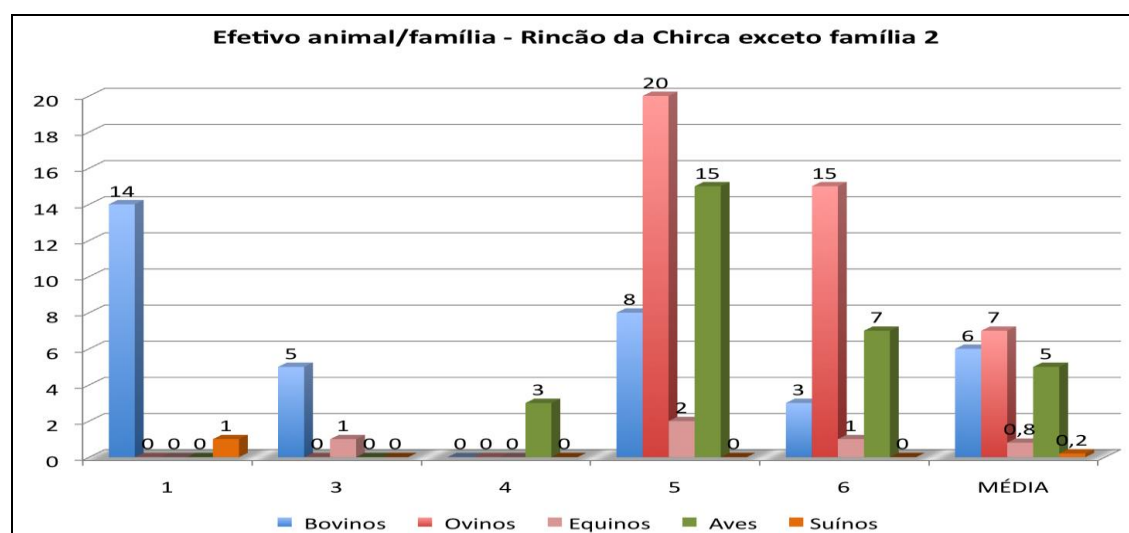


Gráfico 7 - Efetivo Animal/família - (Dados coletados à campo, 2013).

Os equinos, geralmente 1 ou 2 por família, são um auxílio para a lida campeira e o transporte. A família 2 possui uma dinâmica diferente das demais do Rincão da Chirca, pois possui rebanho de gado acima da média das demais famílias, fato que se dá por meio do empréstimo de uma área de pastagens de uma propriedade que não pertence ao Rincão. Dessa forma, optou-se em excluir a família 2 da média final do rebanho das famílias do Rincão.

No Rincão da Chirca a pecuária extensiva se dá principalmente pelo rebanho bovino, observa-se abaixo a distribuição em percentagem do rebanho efetivo do rincão.

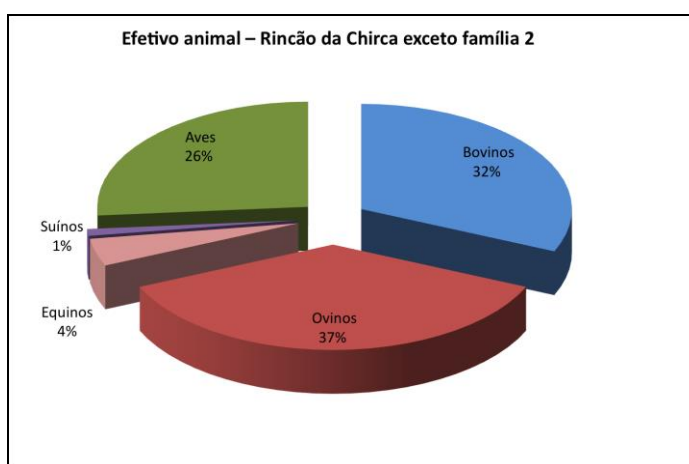


Gráfico 8 - Distribuição do Efetivo Animal/família - (Dados coletados à campo, 2013).

As principais culturas olerícolas, por ordem de importância entre as famílias são cebola, cenoura, couve, alho e alface, sendo que as quatro primeiras estão presentes em todas as famílias.

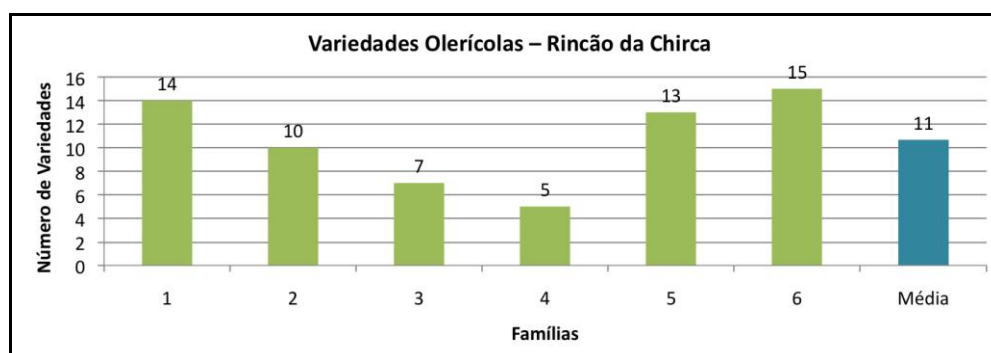


Gráfico 9 - Variedades Olerícolas - (Dados coletados à campo, 2013).

A horta familiar oferece um melhor padrão alimentar nas famílias e soluciona parte do problema de diversificação de alimentos, pois nas comunidades distantes como os rincões, muitas vezes é difícil o acesso a determinados alimentos e, associado à cultura do gaúcho pampeano de não desenvolver de forma intensa práticas agrícolas antrópicas, a alimentação resume-se apenas ao básico arroz, feijão, massa e muita carne, oriunda da própria propriedade. Todavia, a olericultura não surge apenas como uma fonte de diversificação na alimentação das famílias, mas também como uma condição de segurança alimentar, nota-se que o Rincão da Chirca possui uma renda baixa, nem todas as famílias possuem renda fixa mensal, surge então os cultivos olerícolas como meios de obter melhor qualidade na alimentação

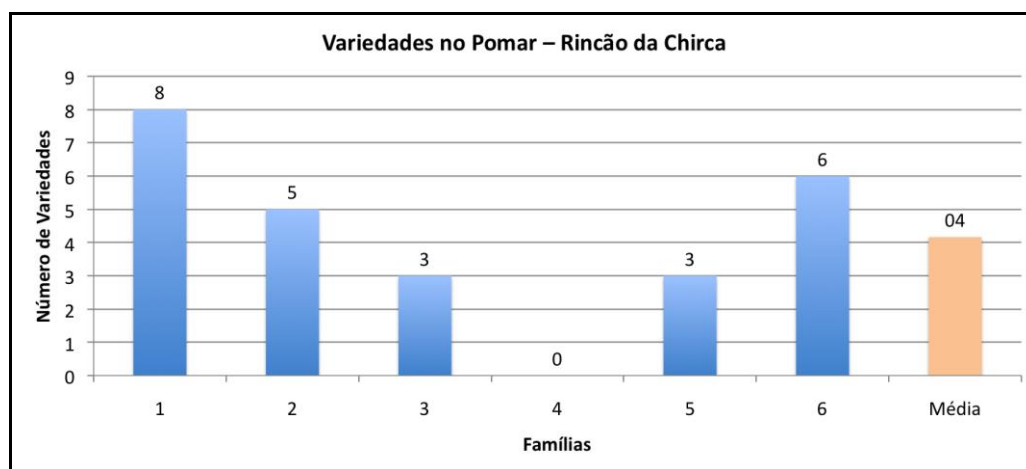


Gráfico 10 - Variedades no pomar - (Dados coletados à campo, 2013).

As atividades agroindustriais no Rincão da Chirca surgem não apenas como forma de incremento na renda familiar, mas supostamente na busca de uma independência financeira das mulheres. A comunidade não possui uma organização para a venda dos produtos, que acaba ocorrendo apenas de forma informal à vizinhos e a compradores pré-determinados em Rosário do Sul.

O doce de figo ou figada, como é chamada pelos moradores do rincão, apresenta destaque, pois seu feitiço é realizado de forma comunitária, as senhoras se unem para a realização da colheita e do preparo do doce. Também destaca-se a presença das seguintes frutas, em ordem de importância: laranja, bergamota, pêssego, goiaba e maçã.

4. ETNOGÊNESE QUILOMBOLA

O processo de formação étnica da comunidade do Rincão da Chirca perpassa uma série de transformações, que vão desde os primórdios na formação da comunidade até os dias atuais já com o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombos. Nesse capítulo foi realizado o esforço em compreender o processo de etnogênese da identidade quilombola dos moradores do rincão.

4.1 Do suor cativo nasce um rincão

Minha impressão quando fiz minha primeira incursão ao pampa foi um êxtase melancólico, nunca havia visto paisagem igual. O horizonte à perder de vista fazia uma mescla com estâncias antigas que guardavam em si os segredos de um tempo em que o dinamismo social e econômico daquele lugar mostrava-se pujante. As cercas de pedras faziam acompanhamento para um cenário onde imensos platôs pareciam fazer guarida à uma atmosfera embalada pelo vento que constantemente soprava.



FIGURA 3 - Platôs na Serra do Caverá/Rosário do Sul-RS (Foto: Marco A. V. Fialho, 2013)

Uma parcela significativa de pequenos produtores do pampa, formam comunidades denominadas rincões, dentre os rincões que formam esse cenário, há o Rincão da Chirca, uma comunidade de remanescentes de quilombos, a qual neste trabalho realizaremos um esforço para compreender o modo de vida e os desafios dos processos de mediação que envolve o desenrolar-se de um processo de etnodesenvolvimento.

A Comunidade Quilombola Rincão da Chirca localiza-se em Rosário do Sul na Serra do Caverá, que está inserida na Área de Preservação Ambiental do Ibirapuitã. Rosário do Sul localiza-se na Região da Fronteira Sudoeste do estado, seu relevo é suavemente ondulado, com predominância de gramíneas nativas. Possui uma população de 39.707, a economia do município é caracterizada pela agricultura e pecuária. A Serra do Caverá tornou-se um local peculiar por ter sido palco de guerras e lendas que constitui o imaginário coletivo dos moradores. A lenda da Salamanca do Jarau é um exemplo disso. Uma região foi formada por distintos grupos étnicos, dentre os quais pode citar os índios, africanos, portugueses e espanhóis. Dessa miscigenação nasce a figura do gaúcho. Esse histórico ator social do Pampa, que no início sua figura tinha um caráter pejorativo, associado àquele

que vive às margens da sociedade, muitas vezes chamado de “*gaucho malo*” ou como “*ladrones*”, pois vivia à camperear como um andarilho (FONSECA, 1982, p. 18).

O poeta argentino José Hernandez retrata o gaúcho através de seu personagem *Martin Fierro*. Sobre os gaúchos, diz: “*Não terá cova nem ninho, há de andar sempre fugido, sempre pobre e perseguido, como se fosse maldito; pois ser gaúcho..Caramba!...ser gaúcho é até um delito*”(Martin Fierro, canto VIII, 230).

A partir da metade do século XIX o gaúcho passou a prestar serviços às estâncias, devido à sua notável destreza na lida com o gado. O Pampa historicamente foi palco de muitas guerras pela demarcação das fronteiras, o que fez com que o gaúcho passasse a ser designado como peão e guerreiro, e este guerreiro é sempre retomado no imaginário desse povo na busca da afirmação de sua identidade.

Segundo o antropólogo Ruben Oliven, o gaúcho é um tipo formado pela inserção do sujeito com o meio ambiente e pela sua experiência desde muito cedo com a guerra, para ele “gaúcho é socialmente um produto do pampa, como politicamente é um produto da guerra”. (OLIVEN, 1992, p. 11). Dessa forma, pode-se perceber que há uma forte ligação entre o gaúcho e o pampa, a partir daí construindo sua identidade, um cavaleiro que é guerreiro por excelência.

Atualmente os moradores do Rincão da Chirca são produtores de autoconsumo e assalariados temporários e permanentes das estâncias vizinhas que, por serem uma mão-de-obra qualificada, são empregados nos serviços de alambrador, peão de campo e esquilador. A pecuária familiar também surge como uma das atividades geradoras de renda no Rincão, o campo nativo do pampa gaúcho é propício para a atividade que há gerações é a principal economia. No Rincão do Caverá é possível observar uma formação distinta de construção social, pois devido às grandes estâncias serem os centros socioeconômicos, à sua volta havia a formação de rincões, que nada mais são que pequenos povoados, geralmente constituídos por empregados fixos ou esporádicos das estâncias que eram a única fonte de emprego da mão-de-obra no meio rural naquela época.

Historicamente também havia na estância o sujeito chamado de posteiro. Nas estâncias, por terem uma grande extensão de terra, fazia-se necessária a instalação de postos a fim de delimitar as divisas e monitorar movimentações, evitando o roubo de gado; esses posteiros fixavam suas residências ali, alguns constituíam famílias.

Com o processo de cercamento dos campos, os posseiros perderam sua função social, tornando-se changueadores (termo regionalizado no pampa que refere-se a diaristas) e formando ali pequenos povoados, denominados rincões. Pode-se inferir que a etimologia do nome rincão venha do espanhol (rincones) que significa esquina, fazendo uma alusão aos posteiros que se localizavam nas esquinas (divisas) entre as estâncias.

Para compreender a formação do Rincão da Chirca voltemos um pouco no tempo, no final do século XIX. Nessa época, a região do Caverá era caracterizada por grandes estâncias detentoras de extensivas terras, comumente em uma única estância haver uma sesmaria de campo. Era comum nas estâncias o trabalho escravo. Segundo relatos históricos dos moradores do Rincão, o pioneiro foi filho de escravo e tinha uma relação de compadrio com as estância que o criou e lhe deu o sobrenome.

O primeiro morador do Rincão da Chirca foi o Sr. Crescêncio Nogueira Prates e sua esposa Sra. Júlia Machado de Oliveira da Fazenda Prates Araújo. O Sr. Crescêncio foi criado como filho adotivo do casal Sebastião Nogueira Prates e Francina Prates. Crescêncio e Júlia tiveram 9 filhos, sendo três homens e seis mulheres. Hoje, no rincão residem netos, bisnetos e tataranetos de Crescêncio.



FIGURA 4 - Sr. Cândido, filho dos pioneiros Crescêncio e Júlia. (Foto: Mariglei Dias)

O Sr. Crescêncio possuía o vínculo de filho de criação dos proprietários da Estância Santo Agostinho. Segundo relatos dos moradores mais antigos do Rincão, ele era filho de escravos e até ele mesmo desempenhava os afazeres na estância sem receber pelo seu trabalho. Naquela época, já posterior à lei áurea, não era mais comum a relação de escravo tradicionalmente conhecida, mas essa relação senhor versus escravo metamorfoseou-se alinhando à conjuntura socioeconômica das estâncias. Agora, não havia mais o modelo tradicional de escravidão com senzalas e troncos, mas uma relação de compadrio entre os antigos escravos e suas descendências e os patrões. Os escravos tornaram-se agregados, que trabalhavam na lida do campo com a pecuária extensiva, que ainda era o braço forte das grandes estâncias, mas em troca de salário ganhavam moradia, alimentação e respeito. Por vezes ganhavam até mesmo o sobrenome da estância das quais trabalhavam, podendo chegar a um vínculo como de um filho de criação. Talvez, desse íterim surja o mito de que o escravo gaúcho tinha um tratamento diferente dos demais das outras regiões do país, pois aqui ele recebia o cavalo, o que lhe dava condições de cavalgar para bem longe em busca da liberdade, porém faziam-se necessárias pelo senhor algumas regalias para que o "filho de criação" pudesse permanecer cativo na estância, garantindo a mão-de-obra para o seu desenvolvimento, como observa-se no relato de uma moradora do rincão:

"Isso aqui foi doação, meu avô trabalhava muito [...], aí eles não pagaram, decerto [...] e deram aqui um pedacinho de campo pra ele, ele era filho de criação, aí foi, aí eles moravam, os filhos foram fazendo casa e ficou um rincãozinho." (Entrevistado 1)

O Rincão da Chirca possui uma área de 17,5ha, atualmente moram nele seis famílias que possuem laços de parentesco entre si, todos descendentes do Sr. Crescêncio. O Rincão é localizado em um região de relevo mais acidentado, uma área mais depreciada com relação às demais do entorno, o que nos dá condições de levantar a hipótese de que por não ter boas condições para as criações de gado foi objeto de doação.



FIGURA 5 - Ruínas da estância onde nasceu Crescêncio (2015).

À aproximadamente 500 metros do Rincão da Chirca, localizam-se as ruínas da Estância Santo Agostinho, nela foi criado Crescêncio. Era uma típica estância patronal de meados do século XIX; construída principalmente de pedras, sua base econômica era a criação extensiva de gado de corte. Há cerca de 200 anos atrás o que hoje são ruínas se demonstravam pujantes, com suas áreas de terras, sesmarias à perder de vistas, era o centro econômico e social daqueles pampas.

Durante minha incursão ao Rincão da Chirca tive o privilégio de conhecer parte da estância ainda preservada das intempéries do tempo, um local que segundo relatos dos mais antigos localizava-se a senzala. Uma pequena construção de pedra, chão batido e que no seu interior apresentava sinais de que havia sido feito muito fogo de chão ali dentro, pois as paredes estavam tomadas de picumã (fuligem). Quem me acompanhou na visita foi a bisneta de Crescêncio, uma tataraneta dos escravos que ali passaram grande, senão toda a parte de suas vidas.

Meu primeiro contato com o Rincão da Chirca e seus moradores foi nos idos de 2011, quando eu ainda era estudante de graduação do curso de Agronomia. Ao chegar era difícil de conceber que ali localizava-se um povoado, as casas estavam escondidas em meio a arbustos nativos, aos quais depois fiquei sabendo que era denominado "Chirca", uma planta da família *Compositae*, seu nome científico é *Eupatorium pinnatifidum*, considerada uma erva-daninha nos campos nativos do pampa gaúcho. Ali, em meio às chircas, havia um rincão, o Rincão da Chirca. Estávamos fazendo o trabalho de reconhecimento dos rincões da Serra do Caverá, assim conheci este rincão. Somente depois, em 2014, quando realizei as entrevistas desta pesquisa de mestrado, foi que compreendi um pouco mais sobre o nome dado ao Rincão. Ao perguntar à um morador sobre a origem do nome Rincão da Chirca, foi-me dito o seguinte:

"Essa chirca só apareceu depois que meus avós apareceram. Eles tropeavam (seu avó e pai), e essa chirca é dos uruguaios... os cavalos pastaram no Uruguai, chegaram aqui e colocaram estrume, e foi aí que nasceram as chircas" (Entrevistado 1)

Assim que conquistou a terra, o morador pioneiro do Rincão da Chirca iniciou seu trabalho como tropeiro, trazendo gado do Uruguai, que trouxeram consigo as sementes das espécies "invasoras" que se alastraram no campo nativo, foi a partir daí que surgiram as chircas. Porém nem sempre foi esse o nome do rincão, inicialmente o rincão possuía o nome de Santa Maria do Lajeado, pois havia uma estância vizinha com o mesmo nome, porque os moradores compreendiam que seria uma falta de consideração colocar outro nome no rincão, como podemos observar no relato de uma entrevistada.

"Foi um vizinho que botou o nome... não era esse, nossos papéis, no campo do meu pai, era o nome legítimo de Santa Maria do Lajeado... muito bonito... Mas fizeram uma reunião pra fazer os postes, pra fazer a luz que veio, então perguntaram: - Qual é o nome disso daqui? Aí saltou o vizinho disse: - Ora, tanta chirca, vamos colocar assim: Rincão da Chirca." (Entrevistado 1)

Observa-se que o nome "Rincão da Chirca" não foi idealizado pelos moradores, mas foi algo imposto por pessoas de fora do rincão, e por mais que o termo tenha se estabelecido, não é bem aceito pelos moradores.

Desde a formação do rincão, todos os filhos de Crescêncio fixaram residência ali, porém, com o passar dos anos, ficaram somente duas famílias, que deram origem às seis famílias existentes atualmente no rincão. As famílias que ali vivem, possuem um grande nível de conscientização no que se refere à preservação do local e das tradições. Ao que me diz um dos entrevistados: "*Os troncos velhos que deixaram e o cara tem que conservar, não pode vender, não pode botar fora, tem que conservar... tem que conservar*" (Entrevistado 5).

Dentre os signos preservados estão as cercas de pedras. Construídas com mãos livres e de cativos, usadas para prender e fazer divisa em tempos que precediam o cercamento dos campos. Fruto de um trabalho árduo, em que cada pedra leva consigo a mão de alguém, com suas histórias e anseios.



FIGURA 6 - Cerca de Pedra incorporada à paisagem (2015).



FIGURA 7 - Cultivo para autoconsumo, ao fundo a casa. (Foto: Marco A. V. Fialho, 2013)



FIGURA 8 - Moradia no Rincão das Chirca. (Foto: Marco A. V. Fialho, 2013)



FIGURA 9 - Estrada principal de acesso à uma moradia. (Foto: Marco A. V. Fialho, 2013)

4.2 O processo civilizatório: Nuances de desenvolvimento

Partindo da compreensão de Norbert Elias, entende-se o Rincão da Chirca como um microcosmo, ou seja, um agrupamento de pessoas dos quais pode-se observar e analisar suas transformações, bem como aplicar teorias passíveis de serem extrapoladas à totalidade de uma sociedade. A esse grupo de pessoas Elias chama de Figuração. No Rincão da Chirca, os indivíduos partilham modos de vida, a forma como desenvolvem as atividades cotidianas, seja desde a avó que ensina a neta quando reúnem-se anualmente para o feitiço de doces de marmelos, o que garante a perpetuação desse modo de vida no tocante à transmissão de conhecimentos de uma geração à outra, desse modo partilhando entre si símbolos socialmente aprendidos, como gestos, palavras ou exclamações que caracterizam o grupo e exprimem as reações dos extintos de seus membros.

A fim de compreender o processo civilizatório do Rincão, retornando a duas gerações atrás, cerca de 80 anos, tempo que os moradores chamaram de antigamente, quando os pioneiros ainda estavam no rincão: *"Meu avó... a minha mãe contava que ele botava duas, três juntas de bois em uma carroça e saia juntar pedra pra fazer cerca. [...]"* (Entrevistado 2)

Observa-se que nas falas, os moradores do rincão referem-se ao tempo de antigamente como um período em que tudo era mais difícil, a penosidade do trabalho é uma marca psicológica frequente no discurso dos moradores do rincão, referem-se ao tempo de outrora como pior em comparação ao atual, bem como é frequente o apego ao passado: *"agora não tem mais queimada a queimada era usada para controlar o carrapato, e as cinzas substituíam o sal mineral."* (entrevistado 3)

No Rio Grande do Sul, em áreas onde predominam os campos nativos, uma prática típica que geralmente ocorria nos meses de agosto é a queimada dos campos, onde por meio do fogo controlado buscava-se renovar o campo, pois logo nasceria um nova brotação, todavia, hoje compreende-se como uma prática com impactos ambientais e com poder de degradação do solo. Mesmo assim, o apego ao passado pode vir até a justificar tais práticas.

A partir de relatos dos moradores do Rincão, observa-se que os primeiros moradores possuíam uma agricultura convencional, plantavam batata, mandioca, feijão, trigo e milho, ou seja, havia no rincão um modelo de agricultura mais antrópica - *"Plantávamos milho, batata, abóbora"* (Entrevistado 2) - Não se sabe se por necessidade ou por opção havia a produção de alimentos no rincão, - *"Na minha época de 14-15 anos, a gente plantava com boi e arado. Nós plantávamos trigo, quebrava milho"* (Entrevistado 3) - Atualmente a principal economia do rincão é o trabalho assalariado rural fora do rincão e a pecuária familiar.

Algo peculiar no rincão é a forma de criação animal. A comunidade possui uma área de 17,5ha, onde há cerca de 17ha de campo nativo onde são criados de forma coletiva os animais, sejam eles gado ou ovelha. Observa-se então que há uma união, onde todos "reparam" e fazem o manejo dos animais, ou seja, há uma forma de cooperação em prol do sustento comum, pois caso optassem em dividir as áreas elas ficariam muito reduzidas, cada família se restringiria a um ou dois pequenos piquetes de manejo, logo, para se fazer o manejo de pastagem do campo nativo, seria possível colocar uma carga animal muito pequena por área, pois há a

necessidade de "diferir o campo" (período de descanso entre pastejos), dessa forma o uso em comum pela terra é um elemento que reforça os laços de reciprocidade entre os moradores do rincão.

Se trouxermos esse fenômeno à luz de Elias, observemos que isso nos oferece a hipótese de que a figuração de indivíduos do Rincão da Chirca está em um franco processo de desenvolvimento civilizatório. Ao momento em que os indivíduos exprimem o desejo de cooperação em prol do bem de todos, observemos aí o estágio de auto-coação, como na seguinte fala de um dos entrevistados: "*Esse campo aí era dos nossos avós, isso aí é de todos nós*" (Entrevistado 5). O apego aos signos e símbolos que exaltem a família e preservem os laços com o passado é muito presente. O uso em comum do espaço também perpassa a consciência da preservação fundamentada nos laços fraternos, a terra é compreendida como um símbolo de lembrança ao passado, ao reconhecerem o sacrifício de seus ancestrais na conquista pela terra, que agora é não somente o local de moradia, novos signos foram criados, dali vem o sustento, ali é o microcosmo onde suas gerações construíram e se construíam.

Durante o período de coleta de dados à campo, foi observada nas falas dos entrevistados a constante necessidade de desenvolverem-se, um desenvolvimento pautado pelo incremento da renda e pela diminuição da penosidade do trabalho diário. E os entrevistados vêem no reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombos um instrumento que poderá lhes oferecer políticas públicas específicas para alcançarem o almejado desenvolvimento. Todavia, o processo de desenvolvimento concebido por eles está barrado pelas limitações legais ambientais que regem a comunidade por estar inserida em uma APA (Área de Preservação Ambiental). "*Se mudou muito com essa história de preservação ambiental... quando essa história chegou aqui, foi muito impactante...*" (Entrevistado 3).

Segundo os moradores do rincão, eles são impossibilitados de fazer algumas práticas que antes eram comuns, como a limpeza dos campos por meio das queimadas, o uso do arado para "virar o campo", descompactando-o para deixá-lo apto para o cultivo convencional de grãos anuais. Sobre essa nova conjuntura um dos moradores expressa seu sentimento de opressão e a necessidade de desenvolvimento econômico por meio das antigas práticas adotadas: "*Preservar!*

mas não oprimir os povos e comunidades tradicionais de se desenvolver, a gente precisa se desenvolver!" (Entrevistado 3).

Outra prática comum, imprescindível à reprodução social do rincão, e que já foi utilizada é a criação de gado de corredor. Esse nome é dado ao gado que é criado na área de campo entre o corredor (estrada) e a cerca das propriedades. É uma estratégia adotada pois a área de campo que possuem para a criação do gado não é suficiente, todavia esta é uma prática não regulamentada pela legislação sanitária, visto que os animais podem ser meios de dispersão de determinadas pragas e doenças entre as propriedades. A cerca da opressão à prática, um dos entrevistados relata seu dilema: *"Isso já é tradição! Faz parte. O que vocês preferem? Que um povo carente crie um gado no corredor ou venda tudo que tenha e venha se socar em uma vila da cidade?"* (entrevistado 3)



FIGURA 10 - Gado de corredor nas estradas da Serra do Caverá (2014).

Nesse ínterim, observa-se a busca por estratégias de reprodução econômica no rincão, no tocante que o gado do corredor é uma das estratégias para contornar a reduzida área que os moradores possuem para a criação de gado e ovelha.

Os moradores do rincão vêm no coletivo uma estratégia para construir o futuro com perspectivas que vão na mesma direção. O controle de si próprio e das condições externas segundo Elias (2002) são indícios do processo civilizatório, segundo Elias, para que haja a transformação na sociedade faz-se necessária uma mudança que seja ordenadamente regulada numa configuração de pessoas interdependentes, a fim de tender todo o processo para uma mesma direção. *"[...] E agora nós temos que lidar pra limpar esse campo... ter um lugar pra plantar, pra adquirir, ir pra frente"* (Entrevistado 5).

Elias (1944) discorre sobre a teoria da psicogênese e sociogênese no controle das emoções individuais no processo de civilização, esses processos são imperceptíveis aos indivíduos, bem como o processo ocorre ao longo de vários anos. Os processos de psicogênese são construídos no âmbito psicológico dos indivíduos, enquanto a sociogênese advém de um processo de construção social. Nesse sentido o processo civilizatório advém de um conjunto de reconstrução constante dos processos de psicogênese e sociogênese.

Pode-se observar nas falas a seguir que os moradores do rincão estabelecem nexos com o passado, relacionando-os com suas adversidades características e vêm no futuro uma perspectiva favorável para melhorarem suas condições - *"Hoje em dia está muito melhor que no tempo antigo... e tá melhorando e vai melhorar ainda mais pra frente"* (Entrevistado 5).



FIGURA 11 - Casa de pedra de um morador do Rincão da Chirca. (Foto: Marco A. V. Fialho, 2014)



FIGURA 12 - Horta familiar de uma moradora do Rincão da Chirca. (Foto: Marco A. V. Fialho, 2014)

5. VALORIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O Rincão da Chirca, recentemente foi reconhecida legalmente como uma comunidade de remanescentes de quilombos, logo, a auto-afirmação do grupo em pertencer à um grupo historicamente excluído traz consigo inúmeros traços de desvalorização relacionados historicamente ao negro, essa situação não oferece oportunidades ao indivíduo para sair de tal condição, sua identidade está atrelada de forma quase que imutável, logo ele carrega sempre essa marca, que infelizmente nossa sociedade, pautada pelos padrões europeus, subjuga como inferior.

Durante o período de campo desta pesquisa realizaram-se incursões ao rincão com o objetivo de compreender melhor o modo de vida da comunidade, realizaram-se entrevistas e por meio da análise do discurso dos moradores foi possível inferir algumas posições que merecem um estudo mais aprofundado, dentre as nuances uma das que mais chamou minha atenção foi as notas de desvalorização atrelado à identidade, muito reforçado pela fala dos entrevistados.

Podendo ser oriundo do preconceito, a desvalorização produz certos efeitos nos grupos que os detêm, podendo criar um círculo vicioso de discriminação e exclusão social, ao ponto do próprio indivíduo desvalorizado buscar se esconder. Durante minha primeira incursão ao Rincão da Chirca, algo que me chamou a atenção foram as Chircas que desenvolviam-se por toda a frente do rincão, escondendo as casas e as pessoas que ali viviam, como relata um dos moradores do rincão, as chircas não são algo intrínseco da comunidade, pelo contrário, foi algo que veio de fora e deixou-se instalar-se: *"Antigamente era melhor a produção. Dentro do nosso próprio campo, a gente criava ovelha, a gente plantava, os nossos pais plantavam... aí depois essa sujeira [chirca] tomou conta"* (Entrevistado 2).

Observa-se que aqui a chirca tem sinonímia de sujeira, algo que é feio, que traz consigo não só uma condição para esconder-se mas também para o reforço do rótulo de desvalorização que está sobre a comunidade. O sujeito desvalorizado assume uma postura de isolamento, ao passo que é excluído da sociedade que o rejeita, o leva ao mesmo tempo a não se aceitar, o esconder-se é o reflexo do sujeito que se reconhece como diferente dentro de um sociedade que exige a pueril semelhança entre seus membros ao momento que não reconhece as diferenças

como algo normal, pelo contrário, exclui e acentua a condição desvalorizada que historicamente foi reforçado.

No tocante à exclusão o indivíduo desvalorizado pode perder os laços e identidades que ancoram suas representações sociais, encontrando-se em um vácuo, num contexto social sem papéis ou funções na sociedade que está inserido, passando a ser um "ninguém", logo, não podendo ser o sujeito de suas ações, tendendo à uma condição marginal, essa rejeição leva o sujeito a perda de sua autonomia e confiança, reforçando as representações construídas em torno da exclusão.



FIGURA 13 - Rincão da Chirca em 2012.

A comunidade do Rincão da Chirca surgiu do seio das grandes estâncias da região do Caverá, a relação do rincão com a estância também está entremeada de signos de exclusão que colocam a figuração de indivíduos em estudo em uma condição desvalorizada, como pode-se observar na fala de um dos entrevistados: "Antigamente era horrível, porque a gente não sentava na mesa com o patrão, era separado, até mesmo numa festa..." (*Entrevistado 1*).

Ainda é presente na memória dos moradores do rincão os períodos de preconceitos vivenciados, em que o tratamento pela classe social e pela raça trazia consigo o estigma de raça, havia uma distinta separação, que levou consigo marcas psicológicas que influenciaram na construção de representações coletivas, quando se diz que "*Antigamente era horrível*", mostra um tempo que querem que seja esquecido, pois traz dor e angústia e "*até mesmo*" em um momento em que seria para ser festivo, sem os rótulos e nuances de uma sociedade opressora, ali está o os preceitos da desvalorização para oprimir e excluir seu portador.

Sobre a relação com a estância, observa-se como o o reforço da desvalorização ainda é algo presente no discurso, mesmo com os avanços da sociedade contemporânea no que diz respeito à uma certa igualdade no âmbito do trabalho.

"Às vezes eu to lá nessa estância (refere-se à uma estância vizinha onde ela trabalha esporadicamente de cozinheira)... Às vezes de noite quando o capataz tá em casa, aí eles chamam o rapaz, e o capataz vai pra sala com eles, o capataz é negro também... Eu fico olhando e pensando, pra ver né, coisa linda! por causa, nos tempos antigos peão era peão e patrão era patrão". (Entrevistado 2).

Ainda está muito presente no imaginário coletivo a cerca de uma suposta posição do empregado, um sujeito estigmatizado, portador de uma marca que não pode dividir o mesmo espaço com o patrão, essa condição não parte do sujeito oprimido, mas da parte do opressor, que dispõe que a sala é lugar apenas de patrão, e este quando aceita dividir o mesmo espaço que o empregado, e além do mais um empregado negro (remetendo à séculos atrás, em que o escravo permanecia na senzala, sem acesso à casa grande) recebe até o status de bondoso, em vistas da imagem que historicamente está associada ao estancieiro - "*[...] patrão era patrão*".

As representações sociais reconstruídas pelo indivíduo estigmatizado se direcionam para a construção de um processo de valorização, de tal forma que há uma crítica às crenças pré-estabelecidas sobre si mesmo, gerando o estabelecimento ou, segundo Moscovici (2003), a ancoragem de novas representações que culminam na construção de uma nova identidade, ou um resgate de uma identidade outrora perdida ou deteriorada.

A construção do processo de valorização perpassa pela atual conjuntura social, em um momento em que está pautado pela agenda política nacional o debate

das questões étnico-raciais, houve a conquista de direitos de minorias historicamente excluídas, algo que se traduz na fala de um dos moradores do rincão.

"Em primeiro lugar, a liberdade. Na época que meus pais e meus avós foram criados, eram ainda considerados os negros escravos.[...] iam ajudar fulano de tal ali e não pagavam, não tinham direito de receber porque eram negros, tinham que trabalhar pra comer... trabalhavam por obrigação. e hoje o que eu vejo é liberdade das pessoas ter os seus direitos, é uma coisa muito boa." (entrevistado 2)

Em outro momento, uma das moradoras do rincão relata que passou a sentir orgulho de ser negra, e passou a se intitular como tal a partir do momento que ficou sabendo que o termo negro historicamente está relacionado ao significado de um líder ancestral dos povos africanos, o que a deixou orgulhosa de sua ancestralidade, ou seja, nesse ínterim observa-se a nítida desconstrução de um estigma histórico e a construção de uma auto-valorização.

A partir do processo de auto-valorização há a construção de uma nova identidade, o grupo constrói representações sociais coletivas e criam condições para ver além, ou seja, vêem perspectivas onde antes não havia, projetam-se para um futuro e elencam prioridades e estratégias de desenvolvimento pessoal e de sua comunidade, como pode ser observado na fala de um dos moradores do rincão: *"Se Deus quiser, no verão que vem vocês voltam novamente e aí a gente já vai estar bem..."* (Entrevistado 1).

A esse instante, uma outra moradora do rincão que estava junto expressa sua expectativa com relação aos anseios de desenvolvimento da comunidade, na sua visão há dois lados: o lado bom e o ruim que remete o atraso ao subdesenvolvimento e agora eles estão prestes a ir para o lado "bom", o lado daqueles que controlam os fatores externos e os sujeitam para seu próprio bem, na busca de um estratégia de desenvolvimento: *"Ah.. com certeza, aí já estaremos do outro lado!"* (Entrevistada 4).

A partir da observação à campo, percebem-se traços da identidade de pecuaristas familiares nos moradores do rincão, conforme os trabalhos de Ribeiro (2009) e observado por Fialho (2005), os pecuaristas familiares acabaram-se por reproduzir o modo de vida dos grandes estancieiros. Esses traços são marcados na incursão nos rincões na região do Caverá.

Todo desenvolvimento gera mudanças e com ele transformações no modo de vida dos indivíduos, o "viver" não será mais o mesmo, como relata uma das

moradoras do rincão: *"Vamos mudar de viver... vamos mudar de viver! Se Deus quiser!"* (Entrevistado 1). As mudanças planejadas geram efeitos inclusive no âmbito material, para os moradores do rincão, a condição de estar morando em meio às chircas já é algo que lhes incomoda e gera uma auto-crítica na sua atual condição. *"Como que tu vai chegar em lugar onde tu nem consegue ver as casas..."* (Entrevistado 3). E por fim, a valorização dos símbolos materiais da família como a terra, denota-se a auto-exigência de a partir de agora fazer bonito, buscar conservar o que permaneceu na família e oferecer condições ainda melhores às gerações futuras. *"A gente quer também fazer bonito né!? dar valor pra família e não abandonar o lugar onde a gente nasceu, onde os pais trabalharam..."* (entrevistado 2).



FIGURA 14 - Frente do Rincão da Chirca em 2015.

Em minha última e recente incursão ao rincão, para minha surpresa, deparei-me com um novo cenário, já não haviam mais as chircas, a estrada de acesso às casas estava totalmente desobstruída, oferecendo livre acesso às casas, onde outrora havia chirca agora há o campo nativo, onde pastam cavalos, ovelhas e

vacas. Agora os moradores não se escondem mais por entre as chircas, mas buscam estratégias para desenvolverem-se, um desenvolvimento autóctone, pautado e construído por eles mesmos.

5.1 "A gente agora tá livre!" - O reconhecimento, seus desdobramentos e o que ainda está por vir.

O processo de desenvolvimento do Rincão da Chirca teve um momento importante que foi o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombos, o título foi alcançado após uma série de documentações fornecidas à Fundação Palmares, que por meio também de um laudo antropológico concedeu tal título à comunidade. O passo crucial para a comunidade buscar o reconhecimento foi a iniciativa da líder da comunidade que demonstrou interesse e a partir daí desenrolou-se uma série de passos que por fim culminaram no processo de reconhecimento, este por sua vez trouxe consigo uma série de transformações nos indivíduos que participaram do processo, como o resgate de traços deteriorados de uma identidade perdida por um período de estigmatização e o reforço nos laços de reciprocidade e solidariedade entre eles.

Os quilombos, mocambos ou também denominados "terras de negro" são algumas das definições para os grupos sociais de descendentes de escravos, historicamente esse território foi forjado como um ambiente onde a liberdade do jugo da escravidão e a solidariedade formavam o fundamento do grupo.

No Rincão da Chirca, o processo de formação do "Quilombo" não se deu dessa forma, pois foi em um momento pós-abolição da escravatura, todavia, as representações construídas pelo grupo se assemelhavam, no tocante que viam ali na sua terra uma alternativa para alcançarem uma liberdade, isso foi evidenciado pelo próprio dinamismo agrícola que havia no rincão na sua formação, segundo relatos dos moradores, naquela época plantava-se uma diversidade de culturas, a fim de lhes conferir alimento, sendo assim, o rincão formou-se com uma condição que representava liberdade, pois os indivíduos ali tinham a liberdade de plantar o que quisessem e tinham o seu próprio espaço, tornaram-se sujeitos de sua própria história.

Observa-se que na figuração em estudo os indivíduos retomam esses preceitos de uma forma mais intensa com a caminhada do processo de reconhecimento. A retomada ao passado, a fim de compreender a origem do rincão, trouxe elementos que reforçaram o apego à cultura, à terra e à família, valores que foram se perdendo por um passado que pudesse ter sido esquecido, calcado em uma cultura subjugada inferior que veio a deteriorar representações que faziam de si mesmos em um passado que agora surge de uma forma reconstruída em um contexto socialmente valorizado.

Em minha primeira incursão ao Rincão da Chirca em 2011, ficaram evidentes algumas problemáticas de infra-estrutura na comunidade, dentre as quais a principal era a falta de água. Os moradores tinham que caminhar diariamente longas distâncias até o poço para tirar a água que era usada para a preparação dos alimentos e higiene pessoal. Com o processo de reconhecimento já em andamento, a comunidade acessou políticas públicas específicas junto à Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo, que agilizou recursos e estrutura para a perfuração de um poço artesiano na comunidade, isso garantiu acesso à água de qualidade a todos os moradores do rincão, como pode-se ver no relato a seguir: *"O sacrifício que nós tinha aqui era da água, que água já veio graças a Deus, agora temos tudo!"* (Entrevistado 5).

Diante do exposto na fala acima, podemos inferir que o acesso da comunidade à água foi um marco importante que lhes ofereceu perspectivas de desenvolvimento, pois viram a partir daí que não eram esquecidos, que os grupos que compõem as minorias também podiam acessar políticas públicas e agora com água podiam pensar em aumentar o número de animais de desempenhar atividades agrícolas que antes eram inviáveis sem a água.



FIGURA 15 - Ao alto detalhe da caixa d'água na casa de um morador do Rincão (2014).

Uma das primeiras fontes de renda dos moradores do rincão que não advém diretamente da pecuária familiar é a fabricação artesanal de doces em calda, compotas e licores. Essa atividade é desenvolvida há anos e é uma forma de transmissão de saberes entre as gerações na família. Surgiu como uma alternativa de incremento de renda familiar bem como no aumento da autonomia e independência financeira das mulheres, que com isso possuem uma renda independente da de seus maridos. A comunidade não possui uma organização para a venda dos produtos, que acaba ocorrendo apenas de forma informal à vizinhos e à compradores pré-determinados em Rosário do Sul.

Anualmente as famílias reúnem-se para o feitiço artesanal dos doces. Esse processo inicia-se pela colheita das frutas, que são produzidas no próprio rincão, em seguida todas as mulheres reunidas fazem o preparo dos doces, de uma forma conjunta e transmitindo a forma de preparo que seus antepassados lhe ensinaram. Essa atividade reúne avós, filhas e netas com o objetivo em comum de não deixar se perder esse hábito. Uma das receitas tradicionais do rincão é o doce de leite com mocotó, que utiliza como matéria prima um dos principais produtos da pecuária desenvolvida no rincão: o leite e o mocotó (onde é extraído um óleo da articulação dos bovinos).



FIGURA 16 - Produto de agroindustrialização da produção local (2012).

Outro passo importante na comunidade foi a construção de galinheiros para a criação de aves de postura. Já como uma comunidade reconhecida como remanescente de quilombo, foi possível acessar recursos por meio de um projeto à Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo. Segundo uma moradora do rincão, o recurso era previamente destinado a comunidades tradicionais e após uma decisão coletiva optou-se pela construção dos galinheiros como uma estratégia de oferecer carne e ovos às famílias, aumentando a disponibilidade de proteína animal na dieta. Esse projeto foi sem dúvida, inerente à garantia de segurança e soberania alimentar às famílias de tal forma que elas conseguem produzir o alimento a baixo custo e garantir o incremento da renda por meio da venda dos excedentes.

Um aspecto importante desse projeto foi a autonomia que os agricultores alcançaram, pois de forma coletiva elencaram o que era prioridade para eles no momento, bem como coube a eles a gestão e comercialização de toda a produção.



FIGURA 17 - Galinheiro de aves poedeiras recém construído (2015).

Uma das principais atividades econômicas do rincão é a pecuária familiar, dentro desta, a ovinocultura ganha destaque. As condições edafoclimáticas do rincão são propícias para a criação de ovelhas em sistema extensivo e os moradores geram renda por meio da carne e da lã. A maior parte da carne produzida é consumida pelos próprios moradores e somente o excedente é vendido, já a lã é vendida para atravessadores que geralmente pagam pouco pelo produto. A partir desse contexto, a comunidade procurou a Diaconia (uma organização social de serviço, sem fins lucrativos e de inspiração cristã) que, por meio de um projeto, ofereceu recursos a fundo perdido para a comunidade fazer o beneficiamento da lã produzida no rincão. A comunidade recebeu teares e capacitação para a produção de ponchos, tapetes, chergões de montaria, boinas, entre outros, e a produção ganhou um nome "fios do pampa", uma alusão ao Rincão estar inserido no pampa gaúcho. A partir dessa experiência, foi possível agregar valor ao produto, bem como cooperar com a organização e empoderamento das mulheres do rincão. Foi utilizada a estrutura física de um colégio abandonado que havia no rincão para ser o local de confecção das peças de lã.



FIGURA 18 - Teares para o beneficiamento de lã (2015).



FIGURA 19 - Poncho produzido pelo projeto "Fios do Pampa" (2015).

Dentro de uma figuração social, os laços sociais são importantes na construção da identidade, pois é através deles que são reconstruídos signos coletivos, no Rincão da Chirca há uma dinâmica fundamentada nos princípios da reciprocidade, pois a circulação de bens e serviços entre os moradores não está pautado por questões econômicas ou por relações diretas de interesses pessoais. Mauss (2003), foi um dos teóricos da relação de dádiva e reciprocidade que pautam as relações sociais, segundo o autor, quando um indivíduo recebe um favor ou presente (por exemplo, um pote de doce produzido pelo vizinho) e aceita, aceita também o vínculo, no laço social que está sendo proposto e, conseqüentemente, implica em uma relação de reciprocidade que se torna mútua conforme segue o processo do lado oposto, nesse sentido, há o estabelecimento da relação de reciprocidade.

A comunidade do Rincão da Chirca localiza-se longe de comércios, logo, do que poderia ser um entrave surgem relações sociais a partir da necessidade de bens e serviços. Aliado a isso, a sazonalidade de disponibilidade de alguns alimentos implica no estabelecimento dos vínculos sociais de reciprocidade.

Também denotam-se no rincão os laços de solidariedade reforçados pela atual conjuntura social que a figuração encontra-se. Historicamente as áreas de terra do rincão são usadas de forma coletiva vir ser uma área pequena, em torno de 17 ha, para a pecuária, o uso coletivo é uma alternativa que oferece condições para melhorar a lotação animal e garante a condição de uma melhor disponibilidade de pasto em um mesmo espaço de tempo com a mesma lotação animal, caso as áreas fossem menores, também os animais são manejados de forma coletiva.

O esforço mútuo pelo reconhecimento do rincão como uma comunidade remanescente de quilombos implicou um esforço para alcançar um objetivo em comum, houve a união da família. Conforme relato de um dos moradores: "*Então a gente fica morando tudo junto, se dá muito bem...[...]* e estamos tudo numa boa, numa família só" (Entrevistado 5)

No rincão, uma prática recorrente é o "mutirão" ou "puxirão", em que todos se reúnem para, de forma coletiva, fazer uma atividade de um dos moradores que demande maior mão-de-obra, ou para fazer doces ou licores.



FIGURA 20 - Mutirão para o feitiço de doces caseiros (Foto: Mariglei Dias).

Atualmente o Rincão da Chirca está com uma dinâmica diferenciada da que possuía antes do processo de reconhecimento começar, houve o acesso a determinadas políticas públicas específicas às comunidades tradicionais, o que garantiu aos moradores do rincão reconhecerem-se como sujeitos do processo. As representações criadas estão pautadas nos aspectos da liberdade, pois não se vêem mais amarrados a laços opressores, logo, ao considerarem-se livres se tornam capazes de reconstruir sua identidade, desenvolvendo perspectivas de desenvolvimento local antes compreendidas como não acessíveis. *"A gente agora tá livre, nós somos negras, mas graças a Deus, nós temos nosso direito de ir e vir, de nos expressar da maneira que nós pensamos."* (Entrevistado 1)

Pode-se observar no relato acima que agora o morador se vê com condições de expressar seus anseios e suas necessidades conforme o que pensam e não conforme lhe é imputado, logo, o acesso às políticas públicas lhes garantiu não somente o acesso ao desenvolvimento econômico, mas o desenvolvimento social e psicológico, pois a liberdade começou na esfera cognitiva de cada indivíduo.

O atual período que passa o rincão, gera perspectiva de um desenvolvimento que situa os indivíduos na sociedade, onde a partir de agora se reconhecem como

indivíduos que pautam pelos seus anseios e compreendem como o principal marco dessa transformação o reconhecimento do rincão como uma comunidade de remanescentes de quilombos. *"O passo principal foi esse que foi a da certificação, que abriu caminho pra muita coisa!"* (Entrevistado 3)

Nesse íterim, o morador entrevistado relata o acesso à políticas públicas específicas e o reconhecimento que a comunidade teve pela sociedade, ao ser convidada a participar de fóruns de debate à nível nacional sobre o direitos dos povos tradicionais. *"Isso só vai melhorar pra frente, só tem que melhorar... principalmente tem que limpar com essa chirca... é um campo grande, mas tá perdido com essa chirca."* (Entrevistado 5).

Observa-se que a perspectiva por um desenvolvimento, e vêem na Chirca um símbolo de atraso, onde só irão alcançar o patamar de desenvolvimento esperado depois que arrancar o estigma conferido ao rincão relacionado à chirca, que é sinônimo de sujeira, por ser considerada uma erva daninha nos campos nativos do pampa. *"A gente acredita que vai melhorar pra gente, principalmente para os mais novos, pra gente poder trabalhar, tocar pra frente..."* (entrevistado 2)

O desenvolvimento local e da atual geração já não é o único objeto de atenção dos moradores da comunidade, na atual conjuntura, pensam não somente no hoje, mas em quem irá continuar os projetos atuais e como estará o rincão para os mais novos dentro de alguns anos. Desse modo, compreende-se que o reconhecimento da comunidade abriu horizontes e criou novos modos de pensar, um novo dinamismo que será capaz de garantir a manutenção de uma comunidade desvalorizada por sua condição historicamente à margem da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento da comunidade de remanescentes de quilombos Rincão da Chirca perpassou por uma série de transformações que foram imprescindíveis para a construção de sua atual conjuntura. Em uma região de grandes estâncias com a economia fundamentada na pecuária extensiva, surge um pequeno povoado, que teve como pioneiro um filho de escravo. As terras foram o pagamento por uma vida inteira de serviços prestados à estância. Por mais que teoricamente o Sr. Crescêncio não tenha sido um escravo como concebemos, trouxe consigo um sonho de liberdade, que encontrou na sua terra a condição para criar seus filhos, plantar e criar.

Os tempos passaram e o Rincão com seu dinamismo econômico de tempos passados, escondia-se sob a égide de uma desvalorização que lhe foi imposto por uma sociedade opressora, uma sociedade capitaneada pelos mesmos que antigamente exploraram o suor cativo. Ainda ali, em frente ao rincão, encontram-se as ruínas de onde outrora era uma pujante estância com suas cercas de pedra e uma humilde senzala para a morada daqueles que diariamente "empurravam a tropa" até onde a vista alcançava nos horizontes. Hoje, já sem o dinamismo daqueles tempos, recorre-se a um saudosismo à terra e às práticas daquele tempo, no que se refere à preservação dos costumes e tradições da família.

A comunidade, por estar inserida em uma área de preservação ambiental permanente, está sob o jugo de uma série de implicações com relação ao uso e manejo dos recursos naturais, restringindo os indivíduos com relação à algumas práticas tradicionais. O gado de corredor é uma alternativa à comunidade, garantindo a reprodução familiar, mesmo em vista ao pequeno espaço de terra do rincão. Os moradores do rincão, recentemente passam por um processo crescente de controle das pulsões e busca de uma estratégia de desenvolvimento a fim de melhorar suas condições socioeconômicas, vêm com desprezo e penosidade alguns hábitos do passado e criam constantemente estratégias para a fuga da desvalorização que a sociedade lhes impusera.

Vivemos em uma sociedade que exclui e menospreza as diferenças, estabelece padrões e minorias são colocadas à margem das oportunidades.

Historicamente o povo negro sofre com um processo de desvalorização que o depreciara e o negava o direito de alcançar determinadas oportunidades, levando às vezes os indivíduos à condição de marginalidade.

Podendo ser oriundo do preconceito, o processo de desvalorização produz certos efeitos nos grupos que os detêm, podendo criar um círculo vicioso de discriminação e exclusão social, ao ponto do próprio indivíduo sente-se pouco valorizado e buscar se esconder. Durante minha primeira incursão ao Rincão da Chirca, algo que me chamou a atenção foram as Chircas que se alastravam por toda a frente do rincão, escondendo as casas e as pessoas que ali viviam, como se na tentativa de esconder-se, como relata um dos moradores do rincão, as chircas não são algo intrínseco da comunidade, pelo contrário, foi algo que veio de fora e deixou-se instalar.

Na análise do discurso, encontrou-se uma série de inferências que demonstravam como ainda eram muito fortes alguns aspectos de desvalorização e exclusão presentes nas representações coletivas criadas pelos moradores do rincão, essas representações estão ancoradas no cognitivo individual de tal forma que causa a deterioração da identidade do indivíduo desvalorizado.

Com o reconhecimento da comunidade como descendentes de quilombos, foi possível acessar políticas públicas específicas para comunidades tradicionais. A busca da comunidade pelo reconhecimento contribuiu com o reforço dos laços de solidariedade e reciprocidade entre os indivíduos do rincão. Agora eles se sentem reconhecidos pela sociedade e desenvolveram uma nova perspectiva de desenvolvimento social e econômico, sendo que uma das principais formas que demonstrou isso foi a decisão pela retirada das chircas de frente do rincão, pois sentiram a necessidade de não ficar mais escondidos sob a vegetação, e viam nela o símbolo de um estigma que queriam superar.

O processo de reconhecimento do Rincão da Chirca como uma comunidade quilombola contribuiu para a construção de uma valorização na comunidade, que lhes ofereceu condições para deixar sua condição de segregação na sociedade, onde eles agora compreenderam-se como indivíduos, tornando-se sujeitos de sua própria história, reconstruindo um nova identidade, pautada pelo orgulho em serem quilombos, reconhecidos como tal pela sociedade e por eles mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALADRÉN, G. . Tráfico, guerra, contrabando e fuga de escravos na fronteira do Brasil com o Rio da Prata, c. 1790- c. 1830. In: XXVI simpósio nacional da ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: < http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308180411_ARQUIVO_SimposioAnpuh2011-GabrielAladren.pdf>. Acesso em 03 mar. 2015.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.18-43, jan/jun. 2008.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2009.

BARTHES, R. **Elementos da semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, publicado no D.O.U. de 08.02.2007.

CANTO, A. C. **Quilombos e a materialização de direitos através das políticas públicas**: um estudo sobre o Recanto dos Evangélicos. 2008, 155f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil Merional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977. 376p.

BRAUN, J. C. **Antologia Poética: 50 anos de poesia**. Martins Livreiro. Porto Alegre. 2000.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CESAR, G. **História do Rio Grande do Sul: período colonial**. Porto Alegre: Globo, 1970.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Edições 70, 1980.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, R. F. **Afro-Descendente: Identidade em Construção**. Rio de Janeiro: Palas, 2000.

FIALHO, M. A. V. **Rincões de pobreza e desenvolvimento: interpretações sobre o comportamento coletivo**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2005. 302 p. (Tese de Doutorado).

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Traduzido por Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, P. A. V., **Formação do Gaúcho**. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982.

GALLARDO, A. Comunicação cinésica. Disponível em: <http://movimentopalavra.blogspot.com/2008/10/comunicação-cinsica.html>. Acesso em 15 ago. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo. v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GONDIM, S. M. G et al. O Discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural. **Cadernos Gestão Social**, Salvador, v.2, n.1, p.09-26, set.-dez. 2009.

GRAY, D. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2009.

HERNANDEZ, J. **El Gaucho Martín Fierro y La Vuelta de Martín Fierro**. Buenos Aires: Librería Martín Fierro, 1894.

HEWSTONE, M. Representações sociais e causalidade. In JODELET, D. (Org.), **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HONNEF, C. **A extensão rural e o processo de inclusão educacional escolar de remanescentes quilombolas**: pontos de interlocução. 2012, 161f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

IBAMA - INSTITUTO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS – **Brasil. Unidade: Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã**. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraUc.php?seqUc=729>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Características da população e dos domicílios, resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JOAQUIM, M.S. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. São Paulo: Educ, 2001.

JODELET, D. Représentations Sociales: un domaine en expansion. In: _____ (Ed.). **Les représentations Sociales**. Paris: PUF, 1989.

JODELET, D. Representações sociais no campo da Educação. In: JODELET, D. (Org.). **As representações socais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

KOJÈVE, A. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto/Eduerj, 2002.

LANDINI, T.S. A sociologia processual de Norbert Elias. In. **IX Simpósio Processo Civilizador**. Ponta Grossa, PR, 2001.

LEFÈVRE, F. et al. **O Discurso do Sujeito Coletivo**: Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educs, 2000.

LITRE, G. **Os gaúchos e a globalização**: Vulnerabilidade e Adaptação da Pecuária Familiar no Pampa do Uruguai, Argentina e Brasil. 2010. 467 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, H. V. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Revista de Administração Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 07, edição especial, p. 51-73, 2003

MAESTRI, M. **O escravo gaúcho**: resistência e trabalho. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1993.

MARTINS, H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Z. M. **Os estigmas**: a deterioração da identidade social. UNICAP. 2005, disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>> Acessado em: 15 jun 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise** . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici (Org.), **Representações sociais: investigações em psicologia social** p. 29-109. Petrópolis: Vozes, 2003.

O'DWYER, E. C. **Quilombo**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

OLIVEIRA, A., FIALHO, M. A. V., ROZALINO, L. Rincão da Chirca: Aspectos socioeconômicos de uma comunidade tradicional do Pampa. In. **51º Congresso da SOBER** - Novas fronteiras da agropecuária no Brasil e na Amazônia: desafios da sustentabilidade, Belém/PA, 2013.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**: A diversidade cultural no Brasil nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORLANDI, E. P., **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

OSÓRIO, H. Comerciantes do Rio Grande de São Pedro: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 115-134, 2000.

PICOLI, L. et al. **Pampa em disputa**: A biodiversidade ameaçada pela expansão das monoculturas de árvores. Disponível em: http://www.natbrasil.org.br/Docs/monoculturas/cartilha_pampa_emdisputa.pdf. Acesso em: 21 nov. 2014.

PICOLLO, G. M. et al Dialogando com Goffman: contribuições e limites sobre a deficiência. **Revista Poiesis Pedagógica** - V.10, N.1 jan/jun.2012; pp.46-63. 2012.

PONTES, J. P. O estudo de caso na investigação em educação matemática. **Revista Quadrante**, Lisboa, v.3, n. 1, p. 3-17. 2006.

PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista da USP**, São Paulo, n. 46, p. 52-65, jun-ago, 2000.

PROENÇA, W, L. Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos, In: XXIV Semana de História: Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Unesp, 2007. Disponível em: < <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/wander.PDF> > Acesso em: 10 de junho de 2015.

RECTOR, M. et al. **Comunicação do corpo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da campanha do rio grande do sul**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS. Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, M. F. B. et al. **Centro de Interpretação do Pampa em Jaguarão**: Rio Grande do Sul – Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

SAMPIERI, R. H. et al. **Metodologia de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw Hill, 2005.

SANSONE, L. **Negritude sem Etnicidade**: O Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra do Brasil. Salvador: Edufba Pallas, 2003.

SAVIANI FILHO, H. **O processo de colonização no Rio Grande do Sul**: o caso de São Leopoldo no século XIX.. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SEMIN, G. R. Protótipos e representações sociais. In: JODELET, Denise (org). **As representações sociais** . Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

SERVA, M. et al. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.1, p. 64-79, mai/jun, 1995.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, A. F. **O discurso sobre o etnodesenvolvimento quilombola no governo Lula**. 2010, 190f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2010.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

THEODORO, H. Educação e Identidade. In. **Cadernos de Pesquisa n° 63**. Raça e Educação. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1987.

VALA, J. Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In **Psicologia social**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

VARGAS, I. C. S. **Indicações Geográficas no Brasil**: possibilidades para os produtores inseridos na Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã – RS. 2008, 116f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

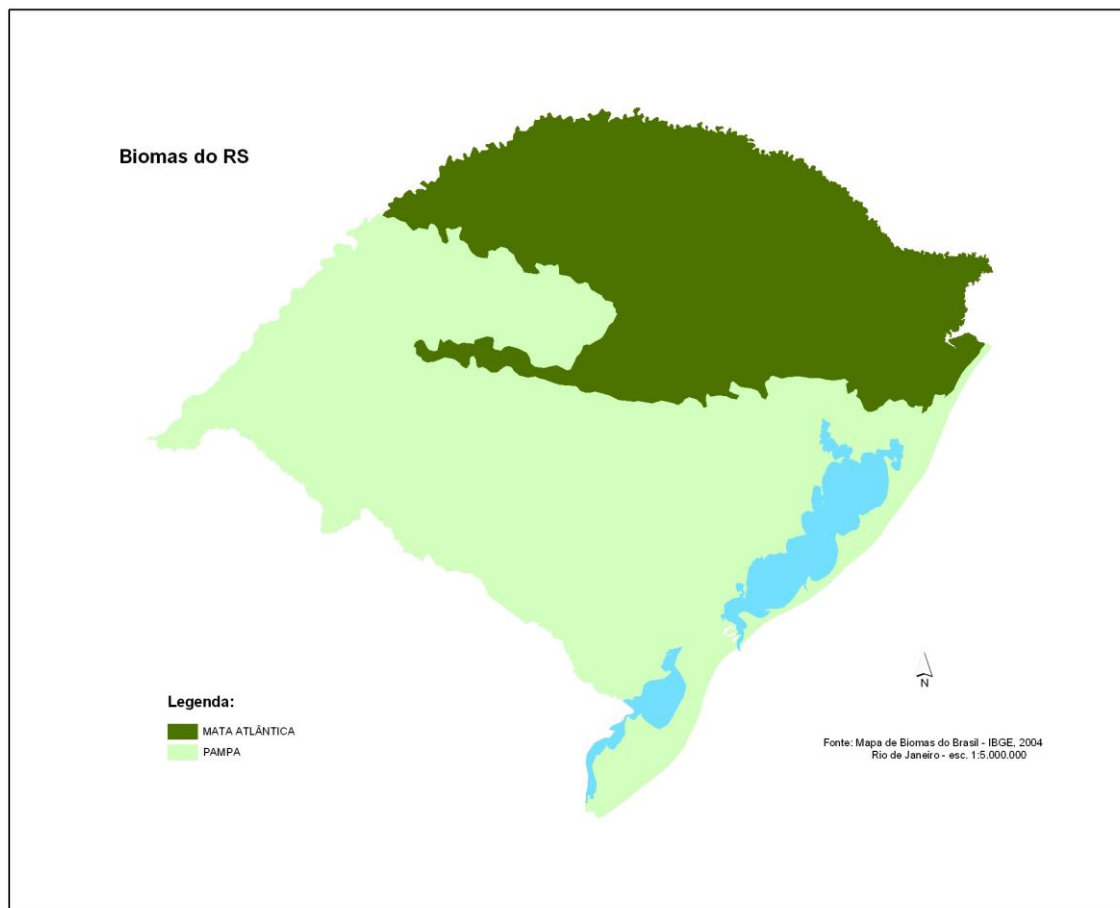
VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

ZARTH, P. A. **Do arcaico ao moderno**: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

ANEXOS

ANEXO A - MAPAS DE BIOMAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.



ANEXO B - CERTIDÃO DA DEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA.



MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO DE REFORMA AGRÁRIA - INCRA
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO RIO GRANDE DO SUL
GABINETE SUPERINTENDENTE

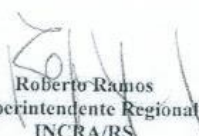
CERTIDÃO/INCRA/SR-11/GAB(CPE)/Nº 01 /2015

O Superintendente Regional do INCRA no Estado do Rio Grande do Sul, ROBERTO RAMOS, CPF 907.328.479-15, no uso das atribuições Designada pela Portaria/INCRA/P/Nº270 de 17/06/2011, publicada no DOU de 20/06/2011, e considerando o contido no Decreto Presidencial nº 6.812 de 03.04.2009, publicado no Diário Oficial da União de 03.04.2009, publicada no DOU de 09.04.2009, CERTIFICA que:

O Território Quilombola de **RINCÃO DA CHIRCA**, localizado no Município de **Rosário do Sul/RS**, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares, conforme processo nº 01420.013826/2013-83 e Certificação de Autodefinição registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.073, fl. 092, emitida em 16 de maio de 2014 nos termos da Portaria Interna da FCP nº 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no DOU nº 228 de 28 de novembro de 2007, se encontra em tramitação nesta Superintendência Regional do INCRA sob o nº **54220.000022/2015-07**, sendo objeto de regularização Fundiária com fulcro no Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - Constituição Federal de 1.988, Decreto nº 4.887/2003 e Instrução Normativa/INCRA/Nº 57 de 20 de outubro de 2009.

Para que surtam os efeitos legais, assino a presente Certidão em 2 (duas) vias de igual teor e forma.

Porto Alegre, 03 de março de 2015.


Roberto Ramos
Superintendente Regional
INCRA/RS

ANEXO C - CERTIDÃO DE AUTO-DEFINIÇÃO COMO UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

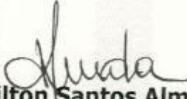
Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.013826/2013-83 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE DE RINCÃO DA CHIRCA**, localizada no município de Rosário do Sul/RS, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 016, Registro nº 2.073, fl.092, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Alexandro Anunciação Reis**, (Ass.)....., Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **16 de maio de 2014.**

O referido é verdade e dou fé.


José Hilton Santos Almeida
Presidente
Fundação Cultural Palmares - FCP

ANEXO D - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA À CAMPO

QUESTÕES P/ ORIENTAR ENTREVISTA ABERTA:

1. Como surgiu o Rincão da Chirca?

- * Processo de doação das terras
- * Relação com a Estância
- * Primeiros moradores
- * Vieram famílias externas?
- * Onde e como viviam antes da Chirca?

2. Como o Rincão se desenvolveu ao longo dos anos?

- * Construção das casas
- * O que é diferente hoje de antigamente?
- * O que era criado/produzido antigamente?

3. Qual a rotina de trabalho dos moradores da Chirca? O que fazem para se divertir? Relate como foi seu dia ontem.

- * Observar laços de solidariedade e reciprocidade
- * Momentos de lazer e introspecção (Antes de levantar e ao findar do dia)

4. Como se deu o processo de reconhecimento como uma comunidade remanescente de quilombos?

- * Quem foi o contato/tempo/entraves.
- * Essa vontade surgiu de quem?

5. O que muda com o reconhecimento da comunidade?

- * Relações da comunidade com os vizinhos.
- * Algum ônus?
- * O que mudou e/ou acha que mudará na sua vida?

6. O que falta para a comunidade se tornar melhor do que já é?

- * Infraestrutura
- * Políticas públicas
- * Relações interpessoais

7. Fale um pouco sobre você.